869.0(X1)-34
T814c
Ac 122.418

desenho de capa:
EUGÊNIO HIRSCH

EU/DPT
0.196.075-9

Tipo de Aquisição: DOAÇÃO
Adquirido de
Data Aquisição: 9/10/91
Preço
Registro 0.196.075-9
Data Registro 11-12-91

CM.00013261-4

Exemplar № 1756

Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua 7 de Setembro, 97 — Rio de Janeiro

1964

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

CEMITÉRIO DE ELEFANTES

O Primo 3
O Caçula 7
Questão de Família 11
A Casa de Lili 14
Angústia do Viúvo 17
Duas Rainhas 21
À Margem do Rio 25
O Espião 27
Uma Vela Para Dario 33
O Jantar 36
Ao Nascer do Dia 39
Dinorá, Môça do Prazer 42
Os Botequins 47
A Armadilha 50
Beto 53
O Roupão 56
O Baile 62
Caso de Desquite 65
O Coração de Dorinha 71
Dia de Matar Porco 75
Bailarina Fantasista 78
A Visita 82
Cemitério de Elefantes 86

o primo

NA PRIMEIRA noite êle conheceu que Santina não era môça. Bento havia casado por amor e ficou desesperado; matar a espôsa e suicidar-se era deixar o outro sem castigo. Depois de muita insistência, ela revelou que, há dois anos, quando se achava deitada à noite, pajeando uma criança, entrara no quarto um primo chamado Euzébio e lhe fizera mal, sem que pudesse defender-se. De vergonha, não contara a ninguém e prometera à Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir e fôra testemunha da sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, mas êle respondeu que era tarde — ela casara de grinalda sem ter direito.

A mulher jurou que, se não falasse com ela, iria enforcar-se no galho da pitangueira. Concordou Bento em aceitá-la por

alguns dias, até decidir o que seria da vida dêles. Santina procedia corretamente, atendendo os seus pedidos e agradando-o quando êle permitia. Lavava tôda a roupa, não deixava faltar botão na camisa e costurou-lhe uma calça de fazenda riscada. Por mais que ela se enfeitasse, com banho no rio e fita de cetim no cabelo, Bento mastigava a sua raiva de olhos baixos no prato de feijão.

Ficou muito nervoso, comia pouco e quase não dormia, de olhos acesos na escuridão. A môça estirava-se a seu lado, sem que um pudesse consolar o outro. Nunca mais êle fêz qualquer carinho. Não resistindo por vêzes ao desejo, dispunha dela como de uma dama, sem a menor delicadeza. Aconteceu duas ou três noites, afinal êle se dominou e deixou-a em paz.

Não podia esquecer o agravo, ofendido com o primo, e sentia gana de se vingar. Era verdade que Santina apenas se casara de tanto êle insistir, mas não se conformava com a traição. Ah, se lhe houvesse contado antes... quem sabe pudesse perdoar e, pelo caminho, berrava palavrões, desferindo golpes furiosos de machado nas árvores.

Euzébio morava na cidade e, enfim, Bento conseguiu da espôsa um retrato dêle, em grupo familiar, aos oito anos de idade: um rostinho assustado de criança. Começou a atormentá-la para saber do primo, mas ela fêz cruz na bôca. Êle podia imaginar: recortou a silhuêta do piá, insignificante entre as pernas dos adultos, e a pendurou no espelho do quarto, onde a estudava, cada manhã, ao fazer a barba.

De gênio manso que era, tornou-se violento e mau. Bem quieto no seu canto, os camaradas não se aproximavam dêle, adivinhando-lhe o ódio. Numa rixa de botequim, cuja origem ninguém soube explicar, agrediu com tal fúria um dos amigos, que lhe partiu o braço, defeituoso para o resto da vida. Perversamente divertia-se matando corvos a tiros. Certa noite, sem poder dormir, saltou da cama e foi à capoeira, onde se pôs a espancar o cavalo tordilho, até deixá-lo estropiado.

Foi o primeiro a ter consciência de que não era o mesmo homem e, para que todos soubessem, deixou crescer o bigode. Depois de comer sentia o ventre em fogo, os alimentos inchando-lhe a barriga — torcia-se com medonhas cólicas e suor frio lhe escorria da testa. Enrolava o cigarro de palha, de repente

a pálpebra direita lhe principiava a latejar e, então, usou o chapéu de aba derrubada.

Por fim decidiu entregar a mulher ao sogro Narciso. Velhote de fala mansa, sabia agradar aos que lhe pagassem bebida. Maneiroso, encheu de cachaça o copo de Bento e afiançou que podia receber a filha, se era como dizia o môço; pena que estivesse fora do prazo de verificação. Não carecia de se exaltar e ficasse com a menina, não como dona de casa, mas criada de servir. Pediu-lhe dinheirinho emprestado e que aceitasse por alguns dias a môça, até se resolver a situação. Se, mais tarde, ainda pensasse daquela maneira, sempre a podia devolver ao infeliz do pai.

Bento cuspiu no chão e o esfregou com a bota, de nojo do velho. Não expulsou a mulher e passou a viver os dias desgostoso; chegando em casa, não a podia encarar. E porque não a olhasse, ela chorava. Persistia na faina, enrolando a massa do pão, os braços enfarinhados até o cotovelo, e ainda era mais triste observá-la a furto, as lágrimas escorrendo no rosto, sem que as enxugasse, para êle não reparar na sua aflição. Intrigado porque não a abandonava, tinha pena dela que chorava muito e, além do mais, estava grávida. Já não pretendia matar o primo e sim avisá-lo para que a viesse buscar. Não mais sonhava em abafar com o travesseiro o rosto da môça dormindo, antes precipitar-se do alto do pinheiro, a corda no pescoço e com um berro de ódio.

Ao sair de casa pela manhã, depois de tomar café com beiju (comovia-se ao surpreender os modos desajeitados da môça, o rosto contemplativo e sereno, a enorme barriga, os olhos vermelhos de soprar as cinzas, a fim de ferver mais depressa o café; a sua faceirice ingênua que, bem o sabia, não era mais para êle e sim para o outro que ia nascer; os dedos rudes penando no afã de bordar uma touca — azul ou rosa? — e sentia-se prestes a iniciar o diálogo sôbre a escolha do nome e a preferência do sexo, para sempre esquecido o retrato do espelho que, na casa limpa, era o único móvel embaçado), reparou Bento num rapaz de sua idade conversando com o velho Narciso na porta do botequim, bons amigos que se davam palmadinhas nas costas. Ainda pensou em voltar atrás: nunca se encontrara com o primo e não teve dúvida que era êle. Os dois já o tinham avistado e cochichavam do seu segrêdo ver-

gonhoso. O beiju e o café eram vidro moído rasgando-lhe o ventre — não se sustinha em pé, com a vista turva e as pernas trêmulas.

Seguia pela estrada, mal podendo erguer as botas, tão penosamente como se se arrastasse através de chão lamacento e, entre clarões, distinguia aos poucos, no lugar do rostinho assustado da criança, o carão obsceno do primo. Os dois estancavam o riso e o velho Narciso tinha a bôca aberta da graça interrompida. Todo o empenho de Bento era se manter de pé, resfolegando de cabeça baixa, e o coração batendo como os cascos de um cavalo a galope.

Sem se dar conta encaminhava-se direito aos dois homens. Levantou a cabeça e abriu com dificuldade a bôca para os cumprimentar — som algum produziu a careta de dor. Viu surgir, outra vez, na face do primo o rostinho medroso do retrato, e o velho estendia-lhe a mão ao peito, interpondo-se entre êles. Bento conseguiu desprender o braço e, cego de um ôlho pelo tremor da pálpebra, encontrou na cinta o punhal e, sem nenhuma palavra, atingiu com fôrça o primo, fundo e uma só vez. Euzébio levou as mãos ao ventre, tropeçou alguns passos até cair, gaguejando surprêso e com voz rouca:

— Êle me esfaqueou!

Bento ficara no mesmo lugar, dobrando os joelhos aos golpes do velho Narciso e dos outros que o atacavam com ripas da cêrca. Esquivando-se às pancadas, levantou a cabeça, a faca ensanguentada na mão:

— Bem quietos! Eu corto o primeiro que se mexer.

Correu em direção à casa onde Santina o esperava no portão. Ao chegar perto, ela pediu:

— Acabe também com minha vida.

Encarou-a pela última vez — a môça até se espantou dos olhos de tanto amor — e, punhal caído a seus pés, deu-lhe as costas e desapareceu na curva da pitangueira.

o caçula

De volta da repartição, José pendura o chapéu no cabide e atira na mesa da sala a correspondência que retirou da caixa postal. Assim que êle entra no quarto, o velho Francisco, que estava à espreita, vem apanhar as cartas e o jornal.

A mãe bate à porta e traz o prato de comida na bandeja. Assiste ao almôço de José, sentado na cama, e põe um pouco de ordem no quarto. Antes de se afastar, passa-lhe a mão de leve na cabeça quase calva:

— Meu filho, por que você não fala com seu pai?

— Ora, mamãe. A senhora não vai aprender nunca?

Há dez anos, morando ambos na mesma casa, José não fala com o pai e faz as refeições no quarto. Até hoje, os filhos, quase todos casados, não têm permissão de fumar na frente do

velho Francisco; ai de quem esquecia de lhe pedir a bênção pela manhã e antes de dormir! José, o caçula, mimado pela mãe, foi o único a desafiar sua prepotência.

— Êsse rapaz, Cecília, não tem jeito não.

— Estou velho demais, mãe, para pedir perdão.

Os filhos casaram e desertaram da família, ficou sòmente José. O pai, que se diverte em maltratar a coitada de d. Cecília, antes verifica se êle não está por perto. Envelhecem, ambos intransigentes no seu rancor, o ancião lépido aos setenta anos e José, de bigodes grisalhos, na casa dos quarenta. Por influência do padrinho, foi nomeado escriturário da prefeitura, onde aparece para assinar o ponto. Herda os ternos antigos dos irmãos e d. Cecília, escondida do marido, dá-lhe pequena mesada para cinema e cigarros.

Após o rompimento, proclamando que não queria ser sustentado pelo pai, José circulou por algum tempo de pasta, com prospectos de seguros e amostras de chocolate. Não vendeu nenhuma apólice, era-lhe suficiente a importância da pasta preta. As amostras êle mesmo comeu. Chegava em casa, o paletó nas costas e, diante da velha, pretendia ter trabalhado duramente. Enfim contentou-se em prestar serviços para a mãe.

Se lhe entregam um cheque para descontar no banco, sente-se imediatamente aflito. Dos jornais lê a página esportiva, perplexo ao ser informado que a Rússia é comunista. É tido como rapaz bem mandado, embora incapaz de ganhar a vida. Romântico, foi noivo duas vêzes. A primeira de uma Fagundes, gorducha e ruiva. O velho Francisco levantou os braços para o céu:

— Onde é que êsse rapaz tem a cabeça?

José desfez o compromisso, depois de uma discussão com o pai — como iria sustentar a família se não quer nada com o trabalho? — e não mais se falaram. A môça casou com outro, do qual se separou um ano mais tarde. Afirmou José em voz alta para que o pai ouvisse lá da sala:

— Aqui do bichão elas não se esquecem!

O noivado seguinte foi com uma prima de terceiro grau, bem ao jeito de d. Cecília, que fêz gôsto no casamento. Chamava-se Laura, era magra, bonitinha e anêmica. José não se decidiu a marcar a data e ela acabou morrendo, doente do peito, cinco anos depois. Uma tarde apareceu na casa a mãe

de Laura, que vinha reclamar as cartas da filha. José ficou em dúvida se as teria ou não devolvido. Acompanhado das duas senhoras, foi vasculhar o quarto, enquanto d. Cecília se desculpava das migalhas pela cama. Após muita busca, encontraram as cartas amorosas de Laura, perdidas no fundo de um baú — o noivo as jogara lá e se esquecera delas.

Nas festinhas de família comparece o irmão Agenor, preferido do pai. José retira-se, voltando de madrugada, ainda mais bêbado que das outras vêzes. A mãe traz-lhe a comida, e êle se queixa, coçando a barba:

— O menino de ouro vem aí. Dão o auto para êle. O menino querido sai de auto. E o bichão aqui não tem nada. Depois dizem que sou eu que vivo à custa do Chiquinho.

— Meu filho, respeite seu pai.

— Quem, o Chiquinho? Êle que se dê ao respeito para as negras dêle.

O pai espairece pelo jardim, de braço dado com Agenor.

— Olhe as calças caídas do Chiquinho. O velho vai mal, hein, mãe? Já está de pescoço fino.

Bebe furiosamente durante a semana e, aos domingos, deixa-se estar de cueca, peito cabeludo, o dia inteiro debaixo do lençol, folheando velhas revistas e bebericando copos de leite. A mãe censura-lhe a falta dos dentes.

— Todos não, mãe. Veja, os caninos estão firmes. Ora, o Chiquinho quer que lhe peça a bênção, não é?

— Deus te ouça, meu filho.

— Pois bem, êste canino é para lhe morder a mão!

Não descansa a velha Cecília enquanto êle não chega e, muita madrugada, põe o xale na cabeça e vai brigar com o botequineiro:

— É o senhor que está perdendo meu filho. Não deixa êle ir para casa. Segura êle aí nessa vida de perdição.

Defende o filho das insinuações da família do marido:

— Nada como um môço em casa. Se entra um ladrão, a mulher esmorece. O que pode um casal de velhos?

E olha dos lados, que o velho Francisco não escute, ainda se considera mais homem que o filho.

— Um môço é diferente. Êle enfrenta o ladrão!

José tem fama de bailar tango com passinho de lado nas pensões de mulheres, o lenço de sêda ao pescoço, e de cha-

péu, quebrado elegantemente de banda, para esconder a calvície acentuada:

— Fiquei careca do elixir 914 que deram ao Chiquinho!

É o querido das damas, às quais conta histórias terríveis: o Chiquinho, aos beijos com a comadre, surpreendido por d. Cecília, que se enojou dêle, há dez anos em quartos separados.

Em desafio ao velho, exibe-se aos sábados, no cinema, de braço não com uma, mas duas mundanas de fulgurantes roupagens de cetim — é amado de graça por tôdas elas. E cada dia está mais parecido com o pai, o mesmo andar de mãos cruzadas nas costas e o jeito de alisar o cabelo atrás da orelha.

questão de família

HÁ UM ANO Elvira estava casada no religioso com Miguel, de quem tinha um filho de seis meses. Nos primeiros tempos viveram em boa paz. Nasceu a criança, e como era doentinha, êles passaram a discutir. Miguel pretendia que a mulher não cuidava do menino como era preciso.

A mãe dêle vinha atender ao netinho, ficando Elvira com raiva da sogra. Miguel começou a se embriagar; berrava palavrões, dava sôcos na mesa e provocava os vizinhos. Depois avançava contra a mulher, que fugia com o filho para o quintal. Elvira ia pernoitar na casa paterna, voltando no dia seguinte.

Por duas vêzes ela foi espancada. Para apagar a luz, subia na cama e torcia a lâmpada no bocal. Perdeu o equilíbrio e ia

caindo em cima da criança, quando Miguel a segurou e deu-lhe umas tapas para que tivesse mais cuidado.

Na segunda vez, o filhinho choramingava e, como estivesse inquieto na cama, Miguel pediu que a mulher o ajeitasse melhor, ao que ela respondeu mal. Então acertou um murro no rosto de Elvira que caiu sôbre a máquina de costura.

De manhã Miguel foi para o serviço, deixando a espôsa em casa. Quando voltou, à noite, com surprêsa recebeu da mãe a notícia de que Elvira e o filho estavam na casa do sogro, tendo a mulher carregado tudo o que era dela.

Elvira chegou na casa do velho Felipe chorando muito, com sinais roxos na orelha e no braço, e revelou que Miguel lhe havia batido por causa de intrigas da sogra.

Êle foi beber no botequim e desafiava os companheiros, berrando que ali não havia homem e cuspindo no assoalho. Um dêles ameaçou-o com o chicote e Miguel, arrancando do punhal, fêz o outro fugir. Ficou de punhal na mão; um terceiro quis desarmá-lo e saiu ferido na mão esquerda.

Invadiu a casa do velho Felipe, e como de seu costume quando bêbado, derrubou cadeiras e bradava nomes feios contra a sogra. Com a garrafa na mão êle pulava dando gritos. Provocou discussão com o sogro e quis tirar o paletó para brigar. Conseguiu Felipe que êle vestisse o casaco e lhe entregasse a garrafa. Então, como não enxergasse bem, Miguel estranhou a fala da sogra e passou-lhe uma rasteira, estirando a velha no chão com as pernas de fora.

Felipe acudiu em socorro da mulher, que gemia muito. Arremeteu Miguel contra êle e, armado da machadinha de picar lenha, vibrou-lhe três golpes que foram desviados. O sogro alcançou a garrafa e derrubou-o com uma pancada na cabeça. O vidro quebrou-se, ficando o velho com o gargalo na mão e entusiasmado gritou:

— Acertei uma boa!

Aturdido, Miguel levantou-se e saiu cambaleando. Elvira foi atrás para saber se estava ferido. Sentia-se um pouco tonto e a mulher apalpou-lhe a cabeça, descobrindo um caroço no lado direito. De repente êle esmoreceu e o corpo foi ao chão, os pés atravessados numa poça d'água. Ia dormir e, depois que melhorasse, voltaria para casa.

Ergueram-no as duas mulheres pelos braços, pois era pequeno e magrinho, só quando bebia ficava perigoso e muito ligeiro. Auxiliado por elas, Miguel caminhou até o quarto e ainda voltou a cabeça para engrolar um palavrão contra o sogro.

Deitado na cama resmungou algumas palavras. Foi-se arruinando ao ponto de perder a fala e de madrugada saiu-lhe uma espuma branca da bôca. Pela manhã era transportado para o hospital e morria sem reconhecer a espôsa que lhe sustentava a cabeça no colo. Quando o desceram da carroça ficou um pouco de sangue no vestido amarelo de Elvira.

a casa de Lili

Após o falecimento do marido, d. Carlota, gorda de noventa quilos, realizou com a filha uma célebre viagem de vapor, onde ambas passeavam de guarda-pó no tombadilho. Foram fazer uma promessa numa cidade longínqua e deixaram na gruta da santa o retrato de Lili, com o pedido de um noivo; no verso da fotografia estava rabiscado o enderêço. Qual não foi a surprêsa de d. Carlota quando, um ano depois, bateu à sua porta um môço moreno, de bigodinho, que se apresentava para casar com a môça, depois de ver-lhe o retrato na gruta. Era caixeiro viajante e, dias mais tarde, descansando a mala de amostras, transferiu-se do hotel para a casa de Lili.

Os que passavam na rua entreviam, pela cortina de bolinhas azuis, Lili ao piano e o cometa, de pernas cruzadas, calça

xadrez e polainas, sacudindo a cinza do charuto no assoalho fulgurante, onde os tapêtes eram pinturas quadriculadas a óleo.

Lustre prateado de canutilhos pendia do fio coberto de papel crepom. Estranhas flôres de parafina cresciam em vasos envoltos no estanho das carteiras de cigarro. Na mesinha, frutas de cêra e estatuetas; ao pé dela, uma boneca faustosamente vestida. Quadrinhos recortados de revistas — e as molduras eram desenhadas na própria parede. Discretamente, a um canto, a preciosa escarradeira de porcelana azul.

Aos domingos, iam de trole à missa, o caixeiro de palhetinha e bengala, e Lili, a bôca pintada em coração, o fino pescoço apertado na pele de coelho. Apresentou-se então um circo na cidade. Antes do salto mortal, rufava o tambor e d. Carlota ficava de bôca aberta, sem engolir a pipoca sôbre a língua. No intervalo, desfilavam entre as cadeiras os malabaristas, nos colantes maiôs brancos de malha, oferecendo fotografias artísticas. Com o circo viajou o cometa, enfeitiçado pela mulher-prodígio de barba.

Alegrou-se a gente perversa da cidade com a desgraça das duas senhoras. Alguns de nós pretendiam ter surpreendido o caixeiro saltando de madrugada a janela do quarto de Lili. Na noite seguinte, iluminou-se a sala, de janelas abertas, e ouviu-se o piano. Era a môça, muito pintada, ninguém podia dizer se teria chorado, os grandes olhos assustados, a cabecinha trêmula e um pente de madrepérola no cabelo. D. Carlota ouvia, rìgidamente sentada, com o lenço de sêda ao pescoço.

Lili continuou a dar lições de piano, gorducha, baixinha e de sorriso triste, um brilho de ouro nos dentes miúdos. A uma das vizinhas que se referiu à ausência do caixeiro, levou-a até o oratório da família. Ao pé das imagens, entre as fotografias dos parentes falecidos, lá estava o retratinho do noivo. Na sala intocável, o cinzeiro com o último charuto que êle havia fumado.

Nas tardes de verão os cachorros estiravam-se às portas, sequiosos, de vermelhas línguas pendentes. A brisa ondulava nas janelas as franjas das cortinas, entre o rangido dos portões mal fechados. Com o pano embebido em gasolina, Lili esfregava o assoalho, e no degrau lavado da porta podia-se distinguir a impressão de um pé descalço. Os maledicentes ainda indagavam do cometa.

— Meu pobre noivo está morto — respondia Lili. — Vou levar-lhe flôres no cemitério.

Os homens respeitavam a sua farsa e, surgindo um dia o caixeiro na estação, foi proibido pelo delegado de descer à cidade. Passaram-se anos. D. Carlota morreu de arteriosclerose e, na hora do entêrro, a môça tocou ao piano em despedida a valsa predileta da falecida. Perdidas as alunas, e sem recurso, foi obrigada a vender o piano. Desde então, um menino, de cesta ao braço, batia às portas, oferecendo fantásticas rosas de miolo encarnado.

Instalou-se na casa a família de um parente, para lhe fazer companhia. A mulher do primo, dias mais tarde, jogou fora as ricas prendas, e até o cinzeiro com o último charuto do cometa. Lili não mais saiu do quarto, onde um dos sobrinhos ia levar-lhe o prato de comida. Certa manhã foi encontrada morta, deitada na colcha de retalhos, tôda vestida e de sapatos, a boquinha duramente pintada. Uma profusão de folhagens e guirlandas abafava a alcova e a cidade acreditou que ela se envenenara com o perfume das flôres.

Seis meses depois a mulher do primo apareceu leprosa e a casa foi posta à venda.

angústia do viúvo

Êle DESPERTA e, curvado em dois, começa a tossir resmungando: "Essa bronquite..." Ainda na cama, com dedos trêmulos, acende o primeiro cigarro e o segundo enquanto faz a barba. Entra debaixo do chuveiro frio. Bebe o café prêto servido por d. Angelina e sai sem ver os filhos adormecidos. São sete horas e chega no emprêgo às oito. Depois é a rotina de preencher fichas e calcular percentagens.

Quando vai para casa almoçar, os filhos já estão no colégio. De tarde, a copiar faturas, não pensa em nada; engole dezenas de cafés bem quentes — uma de suas habilidades — sem queimar a língua. Um sanduíche e um copo de leite, demora-se a ler no escritório ou vai ao cinema. Às dez horas, sobe no ônibus, com o jornal dobrado no bôlso. Caminha três quartei-

rões, na rua de barro, até a casa silenciosa, apenas com uma luz na varanda.

D. Angelina dorme em sossêgo; não precisa vir tirar-lhe os sapatos e deitá-lo vestido na cama. Não era mais o bêbedo sórdido, de rolar na valeta. No escuro, atravessa o corredor e a sala, acende a luz da cozinha. Despe o paletó, pendura-o na cadeira e prende a gravata na cinta para não respingá-la.

O jantar está no armário com tela: um prato fundo coberto por outro raso. Coloca-o na mesa nua e, antes de instalar-se, guarda de volta no armário o prato raso umedecido pelo vapor tépido da comida. Senta-se e come tudo; não acha gôsto e usa o vidro de pimenta. Deita o café na caneca. A porta do fogão está aberta, os cavacos arrumados, é só riscar o fósforo, mas êle não acende o fogo para requentar o café. Engole-o frio, com resto de pó no fundo. Dispõe na pia o prato e a caneca, abre a torneira e enche-os de água.

Fuma um cigarro e, com a lima prêsa ao chaveiro, limpa as unhas amarelas: consome duas carteiras por dia. Encaminha-se ao banheiro, escova os dentes e bate três vêzes com a escôva na beira da pia. Observa-se ao espelho com os olhos rancorosos e sem piedade. Mostra a língua, os dentes manchados de nicotina:

— Hoje é dia de ficar bêbedo.

Já não bebe, mas repete em voz alta o desafio. Com a morte da espôsa, entregou os filhos para d. Angelina e, por cinco meses, morou só na casa, sem acender o fogo, sem arrancar as páginas da folhinha, nem arrumar uma vez sequer a cama. Abandonou o emprêgo, não visitava as crianças e d. Angelina ignorava se ainda estava vivo. Dormia embriagado tôdas as noites, não no quarto de casal, mas no paiol da lenha. Trazia um embrulho de pastéis, que mastigava entre goles de aguardente; estavam frios e úmidos de gordura, o que era indiferente, pois não lhes encontrava sabor.

— Hoje é dia de ficar bêbedo — anunciava a si mesmo. — Vou olhar para as telhas...

E olhava: as velhas telhas encardidas e cobertas de teias. Quando chovia, despregavam-se as aranhas de ventres peludos. A cabeça debaixo do lençol, mordendo os dedos, êle tremia sufocado de pavor.

Certa vez a caixa d'água transbordou, inundando a casa, e os vizinhos deram o alarma. D. Angelina veio providenciar o consêrto e, ao descobrir os rombos no colchão, das brasas de cigarro, arrastou o filho consigo, que se deixou ir, cansado demais para discutir. Fechou-se no antigo quarto de solteiro, olhou-se muito tempo ao espelho, a princípio curioso, depois aborrecido e, enfim, com náusea — na mesma hora, sem ao menos pensar que era uma decisão, deixou de beber.

E agora, meses passados, apagada a luz do banheiro, dirige-se no escuro ao seu quarto. Detém-se um instante na sala e escuta: o ronco estertoroso da velha encobre a respiração dos filhos. O menor dorme com d. Angelina no leito de casal e a menina na cama de grades. Bem que ela o preveniu:

— Você está perdendo a melhor idade de seus filhos.

Embora aberta a porta do aposento, êle se afasta sem voltar o rosto. Fuma outro cigarro enquanto se despe; dispõe a roupa na cadeira onde, no dia seguinte, bem cedo, a mãe virá apanhá-la, para escovar e passar a ferro — êle tem um único terno. Os colegas do escritório não diriam que é sempre a mesma roupa, de tão bem cuidada, não fôra um buraco de cigarro na manga. Aos domingos é êle mesmo quem passa o terno, caprichando no vinco da calça preta.

Afofa os dois travesseiros para ler o jornal, nunca mais abriu um livro. Uma vez por semana, com repugnância e método, entrega-se a certo prazer solitário — o mísero consôlo do viúvo. Afinal vem o sono, aninha-se nas cobertas e dorme, a ouvir o grilo debaixo da janela.

Não consegue escapar ao sonho: ei-lo no meio da sala, de pé ao lado do caixão, espantando as môscas no rosto da falecida, e a ninguém pode revelar a sua dor — os outros dão-lhe as costas, em grupos fechados, é dêle que cochicham. Em despedida, desfilam diante do esquife e, ao defrontarem-se com o viúvo, acusam entre dentes:

— Olhe bem para a sua vítima. Foi você que a matou. Ela morreu por sua culpa!

Finou-se a espôsa de leucemia, que a família dela atribuiu aos seus maus tratos. Êle baixa a cabeça e começa a chorar — é quando desperta, as lágrimas esfriando na face.

Não tem mais coragem de fechar os olhos e espera a manhã. Tosse, curvado em dois e resmunga: "Essa bronquite..."

Com dedos trêmulos, acende o primeiro cigarro ainda na cama e o segundo enquanto faz a barba. Chuveiro frio. Sai sem ver os filhos. Entre a rotina de preencher fichas e calcular percentagens, debaixo das telhas, espiam-no as aranhas de ventres cabeludos.

duas rainhas

São GORDUCHINHAS as duas irmãs, filhas de mãe gorda e pai magro. Embora não sejam gêmeas, usam vestidos iguais, de preferência encarnados e com bolinhas. Guardam bombons sob o travesseiro e de manhã o assoalho está cheio de papelzinho amassado.

Rosa, a mais velha, tem o rosto salpicado de espinhas. Augusta, três anos mais môça, é engraçadinha, para quem gosta de gorda. Estêve noiva duas vêzes de sujeitos cadavéricos, esfomeados, atraídos por aquela montanha de doçuras gelatinosas. Os noivados são desfeitos pela irmã, que se instala com êles na sala e implica com o pretendente.

— A Rosa é muito tirana — desculpa Augusta sem azedume.

Lembram duas pirâmides que andassem, afinadas no alto e engrossando na base. Têm manchas roxas pelo corpo de se chocarem nos móveis. Lamentam-se da estreiteza das portas. Sua conversa predileta é sôbre receita de bôlo. Nos aniversários são as primeiras a sentarem-se à mesa ou, para lhes dar passagem, todos têm de se levantar das cadeiras.

O terceiro noivo, mais magro, com mais cara de fome, casou-se com Augusta, apesar da oposição da irmã. Moram na casa dos pais e, após algum tempo, Glauco tornou-se esquisito. Proíbe a môça de acompanhá-lo ao portão. Não a leva aos bailes, queixando-se de que todos esbarram nela. No cinema, as suas carnes opulentas extravasam da cadeira e o marido fica inquieto, vigiando a todo instante o vizinho. Ela explica que é ciúme, embora a irmã pretenda que êle sinta vergonha de Augusta.

Acompanha-o ao banheiro, enquanto êle faz a barba. Fecham-se no quarto e não saem senão para as refeições.

— Já se viu — exclama Rosa para a mãe — que pouca vergonha!

O marido quase não dorme — ela transborda do leito — e fica embevecido a vê-la roncar levemente de bôca aberta. Por insinuação dêle, Augusta preocupa-se com as formas. Enquanto ela emagrece alguns quilos, Rosa engorda. Saem juntas a fazer compras.

— A senhora está esperando? — pergunta a caixeira para Rosa. — De quantos meses?

— Eu não. É minha irmã que está.

Augusta tricoteia um casaquinho de lã, que nunca termina. E com dor no coração soube o marido que é falsa gravidez o excesso de quilos — ela come escondida. Cada gaveta é um manancial de guloseimas. Arrasta-a então em longas caminhadas para perder pêso. Suplica-lhe a môça que a poupe, de pés inchados, e as coxas roliças, com o atrito, estão em carne viva.

Glauco deu para beber. Recusa-se a fazer visitas e desconfia dos risos às suas costas.

— Você tem vergonha de mim — choraminga Augusta.

— Não tenho, meu bem.

— Tem, sim.

— Se ao menos evitasse as bolinhas no vestido.

— Eu bem avisei — comenta Rosa — que êsse casamento não ia dar certo.

Êle tentou em vão uma aliança com o sogro. Depois começou a implicar com Augusta, Rosa e a sogra, d. Sofia. A môça chorou muito, fêz dieta e perdeu dois quilos, que recuperou na semana seguinte. Estão sempre beliscando algum petisco e anunciando uma para outra:

— Olhe que amanhã é dia de regime!

Beliscam e discutem os sonhos. Em nenhum dêles aparecem borboleta ou esquilo. Os bichos dos sonhos lhes são proporcionais: rinocerontes, focas, hipopótamos. As noites de Rosa povoam-se de cavalos empinados relinchantes. Augusta sonha com um elefante branco e risonho:

— O elefante chegou, ergueu as patas e ficou sorrindo para mim.

— Não se olhe tanto ao espelho — resmunga o marido.

Uma tarde explodiu o escândalo. D. Sofia e Augusta foram ao dentista. Na volta encontraram Rosa em pranto. Glauco avançara para ela e derrubou-a no sofá, aos berros de — "Rainha das vacas!"

Jurava ela que era declaração de amor:

— Não me abandonem só com êle. Não respondo pelos meus atos se ficar sòzinha. Gritou que não me deixaria em paz. Vou persegui-la até que seja minha. Você me quer, Rosa, como eu te quero.

Fechou-se Augusta no quarto, engoliu um tubo de pílulas. Teve mêdo e abriu a porta, chamando a irmã, depois de vomitar na colcha nova.

As duas instalaram-se na cama do casal e o marido, êsse, dorme em quarto separado. Chega tão bêbedo que d. Sofia deve tirar-lhe os sapatos e deitá-lo vestido. Cada uma engordou mais cinco quilos em dois meses — abaixo dos joelhos é que Rosa vai enrolar as meias nas ligas.

— Você viu o Glauco?

— Está magro que dá pena.

Abanam-se com ventarolas, mordiscando confeitos recheados de licor:

— Não sei onde é que estava com a cabeça.

— Como gente magra é feia!

Contemplam-se com orgulho. Os pés bem pequenos, com rôscas, iguais aos pés torneados das mesas antigas de jacarandá.

— Amanhã é dia de dieta — anuncia Augusta, espargindo-se com talco para evitar queimaduras nas dobras.

Depois do almôço ficam em pé, para facilitar a digestão. Não se encostam ao peitoril, porque lhes dói o estômago dilatado. Permanecem direitas, as mãos apoiadas na janela — uma janela para cada uma — vendo a gente magra e feia que passa na rua.

— Que tal um pedacinho de goiabada? — sugere uma delas.

Sentam-se, deixam a goiabada derreter-se na língua e, as mãos na barriga, riem-se satisfeitas, sacolejando as papadas rubicundas. Não pode Augusta cruzar os joelhos, senão suspendendo a perna com as duas mãos.

à margem do rio

NUMA TARDE de sábado, Abílio estacou a carroça à margem do rio. A balsa estava do outro lado; êle saltou do banco, onde ficaram os dois filhos menores, e encostou-se a uma das rodas, enrolando a palha do cigarro. De longe reconheceu na barca o seu amigo Nicolau:

— Como vai, compadre?

O outro respondeu que ia bem e, ao descer em terra, de cara fechada, pediu o acêrto de uma conta.

— Eu já estive devendo muito mais e fiz os meus pagamentos.

Abílio ofereceu uma cédula de cem cruzeiros. O outro recusou, lembrando que lhe eram devidos três dias de serviço.

— Eu nunca faltei com a obrigação e sempre andei direito.

— Mas desta vez falhou.

Recolhendo as moedas dos bolsos e estendendo a mão, Abílio retrucou que lhe entregava todo o dinheiro. O compadre não aceitou, protestando que era pouco:

— Você é polaco! — bradou o primeiro, pálido de fúria.

Nicolau, o mais forte, agarrou-o pela camisa, levou-o de encontro à carroça e estava-o esganando. Com a gritaria dos filhos, Abílio puxou a faca da cinta e encostou-a ao peito do agressor:

— Conhece que está morto!

Nicolau queria fugir, mas não pôde escapar, ensanguentado e fraco. Corria aos tropeções e sem destino, perseguido pelo compadre que o alcançou e desferiu nôvo golpe, desta vez no braço, mas continuou cambaleante, recebendo a facada seguinte defronte à casa do balseiro. A mulher surgiu à janela e gritou:

— José, estão esfaqueando um homem!

Com as mãos agarradas à cêrca, Nicolau pediu com voz queixosa:

— Ai, Abílio, só não me mate.

A quarta punhalada atingiu-o nas costas. Mantendo-se em pé contra a cêrca, êle arrastou-se até o portão. Sem fôrça para subir os degraus da porta, caiu numa poça de sangue.

Abílio esfregou a faca na ripa antes de guardá-la, andou até a margem e saltou no bote. Atravessando o rio, parou um instante de remar e, as mãos em concha, gritou ao balseiro que conduzisse para casa os filhos e a carroça.

o espião

Só, CONDENADO a estar consigo mesmo, fora do mundo, o espião espia. Eis um casarão cinzento, com janelas quadradas, defendido pelo muro eriçado de cacos de vidro. Embora não o deseje, pôsto se trate de um espião, é forçado a conhecer os eventos principais do edifício, cujas letras na fachada — porventura o nome de um santo — não consegue distinguir, cada vez mais míope. Surpreendeu o pai chegando com a menina pela mão. Era homem alto, o bigode grisalho, de botas, manta de lã ao pescoço. A menina, de uns quatro anos, miúda, pálida e, de pernas tão finas, era um espanto que ficasse em pé. A mãozinha suada — o espião podia apenas supor, pelo seu tipo nervoso, que a menina, emocionada porque se despedia do pai, tivesse a mão úmida de terror — apertava um pa-

cote, amarrado com barbante grosseiro, onde trazia todos os seus bens: uma muda de roupa, e quem sabe, um punhado de balas azedinhas.

Empertigado, sem um gesto, o pai conversava com a freira de óculos. Explicava — assim o imaginou o espião na sua tôrre — como a mulher pintara de vermelho escarlate a bôca e saiu pelo mundo, nos braços do amante, abandonando-o com a filha. Internava-a no casarão, não podia cuidar dela — era viajante, negociava em galinhas e porcos. Ajoelhou-se o homem e então a menina *prendeu-lhe os bracinhos no pescoço* e não queria deixá-lo sair: era muito agarrada ao pai. Sujeito duro, ainda ressentido pela traição, rompeu com fôrça o laço frágil dos braços e deixou a filha chorando no pátio.

Cêrca de oitenta meninas, a maioria entre cinco e onze anos, e em tão grande número de crianças, não se ouve riso nenhum. Brincam em sossêgo com seus trapinhos, carretéis vazios — e as mais afortunadas — bruxas de pano. Durante a semana usam avental riscado sôbre o vestido e, no domingo, o vestidinho xadrez agora pendurado no corredor. Sôbre cada cabide há um número: de um lado, os vestidos xadrezes e, do outro, os casaquinhos de algodão.

Desde os seis anos fazem todo o serviço: arrumam as camas, esfregam o soalho de tábuas, varrem o pátio. À tarde, entre as rezas, ocupam-se umas a bordar, outras a cerzir, a costurar os pontos e meios-pontos e, antes que chegue a noite, apertando os olhos e curvando as cabecinhas, escutam distraídas a voz abafada da cidade (as horas no relógio da igreja, o chiado das rodas de uma carroça, o apito do trem) e, inesperadamente, sem que se saiba como pôde ultrapassar os altos muros, acima do trisso das andorinhas e do latido de um cachorro, irrompe o eco de um riso de criança brincando ao sol.

Para uma menor de cinco anos é destacada outra de onze, que dorme na cama ao lado, lava-lhe o rosto, corta-lhe as unhas (se não estão roídas até a carne) e limpa-a no gabinete. É uma procissão de duplas inseparáveis, a andar de mãos dadas, cumprindo voltas no pátio, descalças, os pèzinhos rachados de frio — a menor com uma vela escorrendo do nariz, a mãozinha enrolando a barra do vestido. Se choraminga, a outra ralha com ela: não seja nojenta, não seja pidona. E vá cascudo na cabecinha mole da menor. Às vêzes, a maior, raquítica, tem o

mesmo tamanho da companheira. Tão diversas, tôdas são iguais nos olhos que enchem a cara miudinha — os olhos aflitos dos adultos.

Umas cuidam bem de suas protegidas, como faz a galinha com o seu pintinho. Ah, criatura não existe mais perversa que a criança doente de solidão: essa outra judia da amiguinha, castiga-a, come a laranja milagrosa — embora azêda — que, saiba você como, lhe tombou entre os dedinhos rapinantes, sem dar um gomo à companheira, que a inveja sem piscar, a engolir em sêco, e como se não bastasse, espreme-lhe a casca no rosto para fazê-la chorar, esfregando os olhinhos. E, se a menor faz xixi na cama, vai denunciá-la à vigilante, que a põe de castigo, no meio do pátio — o acolchoado na cabeça até secar.

A um canto, comentam duas maiores estalando os lábios iguais a duas mãezinhas de volta da feira:

— Essa menina é muito nojenta.

— É. Mas aqui ela perde o luxo.

Há o pavilhão das velhas — nove ou dez, as que ninguém quis, uma paralítica, outra surda-muda, outra retardada de meningite — que vivem isoladas, pois gritam em noite de lua, soluçam dormindo e não podem ver homem sem arregaçar a saia. São chamadas de bôbas, prestam alguns serviços: lidam na horta, racham lenha, puxam água do poço. As meninas admiram em silêncio as velhas, que passam balançando tanto as cabeças quanto os baldes que arrastam com as duas mãos — praga de bôba pega.

Manhã cedinho, em filas de duas, marcham rumo à primeira missa. Antes de sair, calçam as alpercatas e correm alegres, a única vez que usam alpercatas e, com a visão fabulosa da gente e das casas, desapercebidas da traição dos caminhos. Lá se vão elas, os olhos arregalados sob a franjinha — tôdas de franjinha na testa pálida, a não ser as pretinhas, ainda mais infelizes por isso. Por último, vêm as bôbas, sacudindo as cabeças envôltas em toucas verdes de crochê, enterradas até as orelhas, e que se agitam ao dar com um padre na rua: cada padre, um beliscão na vizinha.

Aos domingos, freqüentam a missa das nove e entram contritas as meninas, de cabecinhas baixas, arrastando as alpercatas a fim de marcar o passo, mas não muito para não gastar as

solas. Durante a cerimônia, as bôbas escondem na mão as medonhas bôcas desdentadas, a piscar divertidas para uma imagem de Nossa Senhora com o menino — a pombinha de fora. Triste é a volta: cruzam com as crianças, as outras, nos vestidinhos coloridos de tafetá e fitas nas longas cabeleiras, a brincar e a correr, livres, entre risos, e a lamber deliciadas um canudinho de sorvete.

Nos dias de primeira comunhão, senhoras piedosas entregam na portaria duas ou três fôrmas de cuques, já cortados em fatias bem pequenas. No domingo a solidão dói mais: se chega algum parente é para lembrar às outras as visitas que nunca virão. Andam inùtilmente à volta do pátio, cantam em vozes apagadas as suas canções de roda, despem inúmeras vêzes as bruxinhas de pano, beliscam-se inquietas, choramingam e — depois que as visitas se retiram — muitas são postas de castigo, ajoelhadas sôbre grãos de milho. Não se queixam — como a gente lá de fora — quando chove no domingo: é doce ouvir a chuva, a água que rola das telhas e risca as unhas na terra. Um relâmpago incendeia as janelas — apenas com os vidros, sem venezianas — provocando gritinhos das mais assustadas, enquanto correm as bôbas com latas para colocar sob as goteiras. Burlando a vigilância, algumas chapinham nas poças, os cabelos escorrendo água pelo pescoço. Outras distraem-se desenhando bonecos nos vidros embaçados.

Elas inventam os próprios brinquedos: é um telefone os pedaços da caixinha de pó-de-arroz nas pontas do barbante estendido, apostam corridas de besouros, espiam durante horas uma correição de formigas de trouxa à cabeça, prendem vagalumes na garrafa para vê-los a um canto escuro acender sua lanterninha, e sem receio de berruga nos dedos, agarram a patinha dos sapos e atiram-nos para o ar, batendo palmas ao vê-los cair esperneando e esborrachar-se no chão.

Ah, quando chega a noite, as que varrem, olham para trás e varrem mais depressa, as que costuram curvam os ombros e não descansam a agulha entre os dedos furadinhos, e as que andam no pátio de mãos dadas acercam-se uma da outra — elas fazem tudo, mas tudo, a fim de que a noite não chegue, a noite maldita dos que têm mêdo. E a noite chega nas asas dos pardais que se empurram entre as fôlhas, chega no latir perdido de um cachorro ao longe, chega na sinêta que toca no fundo do

corredor assombrado e, após a xícara de chá e a fatia de polenta fria, rezada a última prece, recolhem-se ao dormitório, encolhidas nas camas, só a pontinha do nariz fora da coberta. Ao lado da porta, escondida no seu biombo de pano, onde se despe e dorme, a vigilante apaga a luz. Morrem de mêdo no escuro e, meu Deus, a quem gritar por socorro? Escutam os sapos do banhado: durma, menina, que o bicho vem te pegar. O gemido da coruja no cedro, as asas do morcêgo que batem na vidraça — êle vem te pegar, menina, ai! acuda que êle vem me chupar o sangue do pescoço, e escondem a cabeça no lençol.

As que não são mais meninas, pensam no que vai ser delas: devolvidas a algum parente distante que não as quer, empregadas para todo serviço nas casas onde a patroa fecha à chave o guarda-comida, as mais bonitinhas desfrutadas pelo patrão ou pelo filho do patrão. Nenhuma delas esqueceu as palavras de Alberta, a negrinha que caiu na vida: Minha novena agora é homem. Reboa no seu coraçãozinho apertado de angústia a profecia da superiora: Tôdas elas ficam assim. São desencaminhadas porque não conhecem o mundo. Ficam tôdas lunáticas ou taradas. A única salvação está na prece, minhas filhas. E elas rezam, rezam até que vem o sono.

No fundo daquela cama eleva-se o queixume de uma menor. Lembra antes o ganido de cachorrinho perdido na noite; seja dor de dente ou bichas ou, quem sabe, simples mêdo que uma das bôbas venha no escuro se esfregar nela e então acorde de manhã com um papo no pescoço. Ninguém a atende, os soluços vão-se espaçando e ela dorme.

Sonham as mais felizes com a pombinha branca. Foi o caso que uma das bôbas, paralítica, domesticou de sua cadeira de rodas uma pombinha. Onde ia ela, ia junto a pombinha, que não se afastava senão para ligeiros vôos ao redor do pátio — a paralítica estalava os dedos de aflição. Trazia uma vara na mão, sebosa de tanto a alisar: mantinha a ave prisioneira no círculo de alguns metros. Voava da ponta da varinha para o seu ombro e as duas beijavam-se na bôca. As meninas faziam roda, assustadas com a aleijada e deslumbradas com o bichinho de peito soberbo, arrulhando, as penas armadas em leque, exibindo-se em galochas vermelhas de um lado e depois do outro. Ora, de manhã, a pombinha amanheceu morta. A

paralítica gemeu sem sossêgo um dia e uma noite: a ave foi enterrada numa caixa de sapatos e cobriram-lhe o túmulo de margaridas do banhado. Para acalmar a bôba, presentearam-na com outra pombinha branca, igual à primeira, e que ela matou, dias depois, enterrando-lhe a agulha de tricô no peito orgulhoso.

O casarão seria mais fácil de sofrer se não estivessem sempre famintas; quando se deitam, antes de dormir, ou até dormindo, uma ouve o marulhinho na barriga vazia da outra. Apesar de sem gôsto, engolem o grude nauseante — sopa de angu. Naco de carne uma vez por semana. Polenta fria no lugar de arroz. Se alguma fruta lhes cai porventura nas mãos ávidas — figo ou caqui, por exemplo — devoram-na com casca, a língua saburrosa fora da bôca. Comem terra e, algumas, o ouro do nariz. Outras têm ataques de bichas e rolam pelo chão, rilhando os dentes. Não deixam capim ao seu alcance, sem que lhe chupem a doce agüinha dos talos.

Não bastasse a fome, ainda há o pavoroso banho frio de imersão, que deve ser tomado de camisola. Uma das meninas adoece, é isolada em quartinho escuro, à espera que ela definhe. Vêm as outras rezar o têrço em volta da moribunda, o corpo é encomendado na própria capela, o cemitério ali pertinho.

Eis que o pai voltou, para visitar a filha ou levá-la talvez consigo. Aguardando no pátio, com olhos aflitos a buscar entre tantas uma franjinha muito querida, nem reparou na freira de óculos ao seu lado e que, em voz monótona, recomendava-lhe fôsse forte e tivesse fé: a menina, coitadinha, ela morreu. Uma febre maligna. Êle viajava longe, não tinham por quem mandar avisá-lo. A filha estava enterrada há uma semana — elas morrem que nem môsca.

O espião podia ler nos lábios do pai as palavras que não disse: Se ela morresse em casa, perto de mim... Mas ai, morrer sòzinha, com a certeza de que a tinha abandonado. Não dizia nada o homem, a ouvir a freira de óculos e afinal, de cabeça baixa, começou a girar a aliança no dedo, eriçado de pêlos ruivos.

0196075-9
UFSC

uma vela para Dario

DARIO VINHA apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a bôca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que êle devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, e o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe re-

tiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu no canto da bôca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dêle.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Ja tinham introduzido no carro a metade do corpo, quando o motorista protestou: se êle morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede — não tinha os sapatos e o alfinête de pérola na gravata.

Alguém informou que na outra rua havia uma farmácia. Carregaram Dario até a esquina; a farmácia era no fim do quarteirão e, além do mais, êle estava muito pesado. Foi largado ali na porta de uma peixaria. Imediatamente um enxame de môscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse o menor gesto para espantá-las.

As mesas de um café próximo foram ocupadas pelas pessoas que tinham vindo apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficara torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os documentos. Vários objetos foram retirados de seus bolsos e alinhados sôbre a camisa branca. Ficaram sabendo de seu nome, idade, côr dos olhos, sinais de nascença, mas o enderêço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se tumulto na multidão de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupava tôda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu contra o povo e várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vêzes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios. Restava apenas a aliança de ouro na mão esquerda, que êle próprio — quando vivo — não podia

retirar do dedo senão umedecendo-o com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabecão.

A última bôca repetiu — "Êle morreu, êle morreu", e então a gente começou a se dispersar. Dario havia levado quase duas horas para morrer e ninguém sequer acreditara que estivesse no fim. Agora, os que podiam olhá-lo, viam que tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não lhe pôde fechar os olhos nem a bôca, onde as bôlhas de espuma haviam desaparecido. Era apenas um homem morto e a multidão se espalhou ràpidamente, as mesas do café voltaram a ficar vazias. Demoravam-se nas janelas alguns moradores, que haviam trazido almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de côr e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario esperando o rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade, apagando-se às primeiras gôtas da chuva, que voltava a cair.

o jantar

CONDENADO à morte, devorava seu último jantar, o môlho pardo a lambuzar o queixo.

— Como vão as coisas, meu filho?

De gôzo piscava os olhos, chupando a sambiquira da galinha.

— As coisas vão.

Diante dêle, o bem mais precioso da terra: seu filho.

— Me passa a pimenta, Gaspar.

"Logo será um homem. Meu filho. Dar-lhe conselhos: não beba água sem ferver, não beije as criadas na bôca, não case antes dos trinta."

— E de namoradas como vai, seu Gaspar?

A pergunta ofendeu-o tanto como um dos arrotos do pai. Olhos frios de estranho: não era filho de ninguém.

— Não tenho namorada.

"... Não casar antes dos trinta, não deixar o vinho no copo." Bebeu até a última gôta.

— Que me conta da poesia?

"Graças ao seu dinheiro é que o filho tem o dom de sonhar."

— Vai mal.

"Todo filho é uma prova contra o pai."

— Ora, Gaspar. Bobagem.

O ôlho estrábico de Gaspar era bobagem para êle, que tinha seis dedos no pé. O filho sentia o ôlho incomodar como o sexto dedo.

— A poesia fede.

Gaspar serviu-se do resto de vinho. O pai leu o rótulo:

— *In vino veritas.*

A família chocava-o feito ôvo gorado no ninho: olhos remelentos de manhã, a cueca xadrez, o pano de pratos na cozinha — "Deus abençoe esta casa".

— Foi à missa, Gaspar?

"Se meu pai abre a bôca para falar, eu sei as palavras que dirá, e antes do que êle."

— Não, senhor.

"Se êle sabe, por que pergunta"? Descobria o gôsto de romper nos dentes um pedaço de carne sangrenta.

— Eu lhe pedi, não pedi? Por que o senhor não me escuta?

— Não creio em Deus!

"Desterrado de meu reino, fugindo de mim, encontrei na estrada minha mãe, e depois meu pai, e depois o fantasma de meu avô."

Borborigmos na barriga do pai — ou do filho?

— O aniversário da morte de sua mãe!

"Filho, meu filho, desista de lutar contra mim. Há mais de mim em você que de você mesmo."

— Sua mãe não me compreendeu, meu filho.

— Que ela descanse em paz.

Gaspar ficava ouvindo nos sábados à noite os ruídos no quarto do casal.

"Sem mãe e sem dinheiro no bôlso."

— Minha pobre mulher...

— O senhor tem algum para me emprestar?

"Com a dor de dentadas furiosas no coração — um dos filhos do Conde Ugolino."

O pai levou a mão ao bôlso, abriu a carteira, escolheu uma nota, alisou-a entre os dedos e deu: sentiu-se trinta cruzeiros mais pobre.

O filho observou a Santa Ceia na parede. Judas com o saquinho de dinheiro.

— O vinho é sangue de Cristo, bebamo-lo!

Dois estranhos.

— Vai sair?

— Vou.

Os dois puseram o chapéu, um com o gesto do outro.

ao nascer do dia

BEM CEDO Idalina pulava da cama, acendia o fogo e preparava o chimarrão para o seu homem — sem mate, êle não era gente. A maleta de amostras no ombro, corria para a estação, saudado pelo alegre latido de dois cachorrões. Eu ficava oculto no capão próximo à casa e, só depois de ouvir o apito do trem, é que me dirigia aos fundos, estalava os dedos e chamava os cães pelo nome. Falando-lhes em voz baixa, a fim de reprimir os saltos e ganidos, acercava-me da casa e batia duas vêzes com o nó dos dedos na porta da cozinha, e sòmente duas vêzes, para não acordar os meninos.

Idalina abria a porta e, depois de prender os cachorros, seguíamos apressados para o arvoredo. Eu estendia a capa no chão, por causa do orvalho, e a fumaça branca na sua boqui-

nha pintada trazia até ali o quente aconchego da cama. Os cães inquietos gemiam, arrastando a corrente, porém a voz da dona os aquietava.

Durante os meses que a conheci jamais a avistara de dia, senão à luz indecisa do crepúsculo. Naquela tarde, quando entrou na loja, com pretexto de compras, não me alegrei de vê-la, pois sabia o que a sua visita significava. Pretendendo examinar a peça de fazenda que eu desenrolava, contou que, pela manhã, preparado o mate e partido o espôso, voltara para o leito, quando ouviu o sinal na porta da cozinha. Não foram duas, porém cinco batidas fortes, embora — o que era estranho — os cachorros não latissem. Mas não era eu, o coração lhe advertia, e assim mesmo prendeu depressa um fita no cabelo.

Entreabriu a janela e olhou: era o cunhado José. Tendo-nos surpreendido um dia antes, iria denunciá-la ao irmão. E para a desmascarar é que fôra bem na hora em que o outro se ausentara? Então revelou que também êle a queria. Mas, José, êle é teu irmão, rogou Idalina de mãos juntas. Como é que você quer o velho Orides e não me quer a mim que sou forte? Se não quiser, olhe que eu conto ao mano João. Respondeu ela: Espera um pouco, que eu já volto.

— Ah, sua ingrata — comecei eu — então com você não precisa pedir duas vêzes?

Idalina saiu da janela e José foi se colocar diante da porta. Abrindo-a de repente, a mulher atirou sôbre êle a água quente da chaleira, queimando-lhe a mão e o braço direito. Gemendo, ao se afastar, êle gritava que contaria tudo ao irmão. Teria José a coragem de falar, após a declaração amorosa? Seria prudente, na opinião dela, que eu não aparecesse até ser avisado.

Três semanas passaram. João prosseguiu nas suas viagens e não recebi recado da mulher. Na madrugada eu ia rondar de longe a vivenda, por causa dos malditos cães. Esgueirava-me entre as árvores, à espera de qualquer sinal. Cabeceando de sono, eis que ouvi correria e brados que partiam da casa:

— Acudam, bandido, me acudam!

Encostado à porta, deparei com o homem, os braços caídos ao longo do corpo.

— João, que foi que houve?

— Não foi nada.

Ergueu as mãos ensanguentadas e perguntei se tinha se ferido com o punhal. Retrucou que havia esfolado um ladrão.

Escutei latidos no capão e corri até lá. Era o irmão, rodeado pelos cachorros, que lambiam as suas feridas. Rosnaram contra mim e observei o quadro à distância. Deitado de costas, José estava com a perna direita encolhida e as manchas de sangue pelo chão assinalavam uma luta longa. Impedido pelos cães de chegar perto, não pude descobrir se as mãos sangrentas estavam chamuscadas.

Tornando à casa, avistei João no mesmo lugar, reclinado na porta, de braços cruzados. Vez por outra examinava de olhar vazio as mãos peganhentas.

— Que houve aqui, João? Onde está Idalina?

Um vizinho, que ouvira os gritos, surgia com o sargento — a rôgo de Idalina, na noite anterior, os meninos haviam ido dormir na sua casa. Às perguntas, João resmungou que não tinha malquerença com o mano e depois ficou mudo, sacudindo a cabeça.

Eu já sabia o que ia encontrar no quarto: a mulher nua, morta com sete facadas. Antes de entrarem os outros, vasculhei as gavetas e, debaixo do colchão, achei o que procurava — a carta anônima.

Passamos diante de João com o fardo da mulher, envôlta no lençol sujo de sangue e furado de golpes. Êle virou o rosto mas não chorou. Gemeu que esfolara um ladrão e a voz lhe saía estrangulada. Foi conduzido de braços amarrados para a cadeia. O sargento, a balançar a ponta da corda, explicava que João, não sendo dado a vício, devia ter tido acesso de loucura, pois era muito chegado ao mano José.

Dinorá, môça do prazer

NO ESTILO DE FANNY HILL: Meu nome é Dinorá. Nascida em Curitiba, de pais pobres, porém honestíssimos, fui na infância ignorante do vício. Vítimas da gripe espanhola, morreram os coitados mal entrara eu nos quinze anos. Fiquei só, sem parente nem amigo que me advertisse dos perigos que rondam uma jovem órfã no mundo.

Condoída de minha triste sorte, uma venerável matrona decidiu encarregar-se graciosamente da minha proteção. Madame Ávila podia contar cinqüenta anos, aparentando mais idade pelo abuso de banhos quentes. Queria-me antes como dama de companhia do que criada de servir e, se eu me comportasse como boa menina, seria para mim verdadeira mãe. Senhora gorda e espalhafatosa, envôlta sempre em casacões de peles,

ainda em pleno verão, eu a invejava pelos vestidos de sêda brilhante, os chapéus enfeitados de fitas farfalhantes e as pulseiras douradas que ela fazia estremecer nos bracinhos gorduchos.

Convidou-me uma noite — ah, terrível noite foi aquela! — que a acompanhasse a uma festinha galante, espicaçando-me a curiosidade com a descrição do luxo do ambiente e das finas maneiras dos convidados. No casarão, escondido entre cedros seculares e soturnamente iluminado, esperava-nos a uma das portas laterais o nosso anfitrião, a quem Madame, entre mesuras, saudou de — Excelência. Sem que deparássemos com qualquer conviva, fomos introduzidas ao salão discretamente mobiliado de uma mesa, algumas cadeiras, um canapé e uma cama, de colcha de veludo encarnado, que mais parecia digna de uma rainha.

Beijou-me sua excelência a mão enluvada; era baixo, de pernas arqueadas, com mais de sessenta anos, rosto rechonchudo, uma pastinha lambida de cabelos, esticados de um a outro lado do crânio reluzente. Após a apresentação, Madame alegou afazeres urgentes para se retirar. Suplicou-me que fizesse um pouco de sala à sua excelência e, conduzindo-me a um canto, perguntou misteriosamente se eu apreciaria ter como protetor tão bonito pedaço de homem. Respondi-lhe ingênuamente que não possuía dote e, além do mais, era muito jovem para me casar. Madame retrucou que êle pretendia fazer a minha fortuna e, se o soubesse agradar, seria elevada à categoria de grande dama e poderia escolher jóias, vestidos e carruagens. Cumprimentou ao nosso anfitrião em graciosa reverência e, ameaçando-o com o dedo, piscou-lhe um dos olhinhos faiscantes de cupidez:

— Muito juízo, excelência. Não vá assustar nossa pombinha!

Foi para mim tão inesperada esta saída que, embora dócil de caráter, sentei-me no canapé, petrificada. Para aumentar minhas inquietações, assim que ficamos sós, sua excelência apagou as luzes, exceto uma delicada lâmpada azul, que se refletia nos espelhos circundando o riquíssimo leito. Nem a virtude, nem a modéstia contribuía para a minha defesa naquele difícil transe e, de olhos baixos, eu retorcia o lenço de cambraia com rendas da Ilha da Madeira. Sob o enganoso pretexto de ler a

minha sorte, pegou-me delicadamente nos dedos que fariam a inveja dos lírios e das rosas e, apesar de meus protestos indignados, preveniu-me dos perigos de uma cidade infame como Curitiba. Deveria obedecê-lo em tudo e evitar as más companhias. Montar-me-ia casa e permitiria que me exibisse pelas avenidas, sentada em esplêndida carruagem. Até poderia ser uma duquesa!

Acrescentou outras promessas deslumbrantes, para iludir a ingênua menina e môça, que já se acreditava bem feliz com tanta riqueza, convencida de tratar com um senhor de bem. Terrìvelmente confusa, esforçava-me por dar-lhe o tratamento de — Excelência. Vencida a minha desconfiança inicial, começou a passar a mão de leve pelo meu colo de brancura imaculada, produzindo-me sensações estranhas que me comoviam e perturbavam, e logo me escandalizaram. As palavras doces com que acompanhava as suas carícias não eram suficientes para me tranqüilizar. Os curtos dedos nédios e cobertos de anéis titilavam-me a nuca, brincando de fazer e desfazer caracóis com a minha loura cabeleira e — coro ao confessar — proporcionando-me os primeiros arrepios de prazer.

— Ó, Deus, tua carne é mais branca que a neve! Deixa, deixa, um beijinho só.

Qual não foi a minha surprêsa ao reconhecer a chama da paixão na desgraciosa figura pelo revirar dos olhos, os lânguidos suspiros, a respiração ofegante e a calva em fogo. Tentei em vão proteger-me de suas investidas, queixando-me de ligeira enxaqueca. A cólera, o desprêzo, a indignação eram impotentes diante daquele gladiador, meio cego de luxúria. Aproveitando-se da minha perturbação, quis o monstro libidinoso desfrutar-me a concha dos lábios nacarados. Gritei que êle planejava a minha perdição:

— Ah, o senhor arruína-me. Eu vou morrer!

De tão descontrolada, teria desmaiado se algumas lágrimas providenciais não aliviassem a aflição que me consumia. Abusando de minha inexperiência, rompeu o falso gentil-homem a preciosa mantilha de Sevilha que me cobria os ombros resplandecentes de alvura e conspurcava-os com os seus olhares e tato impuros. Encorajado por êste prelúdio, avançou contra mim — ai de mim! — que, possuída de terror, tombei em decúbito dorsal, trêmula e palpitante, sôbre o canapé, que êle escolhera para

nosso campo de batalha. Implorei-lhe com os olhos cheios de lágrimas que não me profanasse.

As palavras serviam apenas para atiçar-lhe a imunda paixão. Meus grandes olhos verdes e cismadores, que lançavam lampejos, não intimidaram o velho corcel que tomara a brida nos dentes. Na confusão rompeu-se uma alça do vestido de tafetá branco. Os cabelos esparsos — na luta eu perdera um dos sapatinhos bordados com fios de ouro —, tôda a encantadora desordem de minha pessoa excitaram a sua febre criminosa. Se fôsse submissa aos seus caprichos, antes que Madame regressasse, jurou-me sua excelência que iria cobrir-me de jóias da cabeça aos pés. E com os grossos lábios impuros queria aflorar minha face de alabastro. Quase me provoca um desmaio o seu hálito pestilento.

— Senhor, previno-lhe que não me inspira senão asco e repulsa!

Empurrei-o violentamente, puxei o cordão da campainha e o criado acorreu pressuroso para receber as ordens de sua excelência. Quando soube o que era, ofereceu-me algumas gôtas de amoníaco para aspirar e retirou-se no mesmo instante. Depois desta prova, senti-me tão abatida, tão cansada e enervada que não tinha ânimo para levantar o braço — estava à mercê do meu impiedoso carrasco.

Propôs-me sua excelência combater a crise de melancolia com uma ceia tão delicada que satisfaria a gulodice de um cardeal. Com admirável apetite, causado pelo grande trabalho que me dera, devorei uma fatia de peru e duas asas de perdiz; alguns cálices de vinho generoso refizeram-me as fôrças para resistir ao nôvo assalto.

Atendendo às instruções do seu mestre, trouxe-me o criado em copo de prata um licor batizado de "Bênção Nupcial". Sorvendo o verde líquido adocicado, senti como um fogo sutil espalhar-se nas minhas veias: era o efeito da traiçoeira cantárida. Tremi pela minha virtude e, com grito abafado de terror, olhei para o terrível instrumento de minha tortura que, de joelhos sôbre o luxuoso tapête, enquanto assistia ao meu banquete, contentava-se em devorar-me com olhos lúbricos. Prodigalizando-me louvores à beleza, afiançou que respeitaria a minha honra e satisfazia-se em adorar-me à respeitosa distância.

Vendo-me indefesa, em delicioso abandono, molemente reclinada entre as almofadas de veludo carmesim, principiou em frases inspiradas a acenar-me com os ricos tesouros da volúpia. Apresentava-se nas liças do amor como campeão invencível e, se o recebesse como seu herói, seria instalada na classe das senhoras mantidas, bem provida e mimada como uma princesa. Em troca, abandonando os míseros consolos da solidão, poderia abrir-lhe as portas do paraíso.

Ou então vomitava horrendas injúrias, proclamando que não seria ridicularizado por uma suposta menina e môça, em conluio com a viúva desonesta que, devido ao seu precoce envelhecimento, praticava o humilhante ofício de rufiã. Incitava-me a provar o gôsto da maçã proibida e, arrebatada pela torrente avassaladora de sua eloqüência ímpar, eu sentia as conseqüências do primeiro passo na estrada do vício — o rubor que me tingia as faces era mais do frenesi que da modéstia. A timidez da discrição, o recato, a pureza que eu trouxera do lar paterno, pareciam esvanecer-se como neblina ao sol.

Embevecido, passando e repassando os olhos ávidos nas minhas vestes em desalinho e nos cabelos em graciosos caracóis que se espalhavam sôbre a testa pálida, sua excelência buscava sub-reptìciamente devassar as minhas belezas escondidas. Enquanto eu ouvia enlevada o seu eloqüente discurso, o velho sátiro arrastava-se, ainda de joelhos, pelo fôfo tapête escarlate. Agarrando de súbito o meu pèzinho descalço, cobriu o centro de seus desejos com beijos úmidos e quentes. Um resto de pudor sustinha-me à beira do precipício. Coitada de mim, as fôrças já não respondiam, combalidas pelo inebriante filtro de amor.

Deitei em prática todos os meios de defesa que reclama a honestidade. O cruel assassino gargalhou sinistramente e, desfazendo-se do colarinho engomado, voltou à carga. Servia-se com desenvoltura das armas usadas em tais embates, as mais pérfidas que se pode imaginar e seria impossível descrever.

— Mata-me, ó bruto apache! Não posso mais. É demais! Eu morro...

O sangue gelou-se-me nas veias, empalideci como um condenado diante da fôrca. Nessa altura abandonaram-me as fôrças.

os botequins

NOITE FRIA e, como tôdas as noites, o botequim estava deserto. José sentava-se na mesa do fundo e o gordo saía detrás do balcão com garrafa. Enquanto êle ficava no botequim (e ficava até a hora de fechar), o gordo deixava a garrafa aberta no balcão. José trazia um jornal dobrado no bôlso, fazia com o cálice círculos úmidos na mesa.

Antes de beber, lia uma notícia inteira do jornal. Erguia então o cálice e fechava os olhos, engolindo dum trago. Ao abri-los, via no teto a sombra redonda da lâmpada. O gordo dava volta ao balcão, enchia o cálice até a borda, derramando algumas gôtas. José esperava o dia em que, escondendo-se atrás do jornal, iria lamber as gôtas perdidas.

Na quarta ou quinta dose começava a bebê-la em mais de um gole. Estendia as pernas sob a mesa, contemplava a sombra no teto e lia o jornal. Não olhava para o gordo, entre as garrafas do balcão, de cabeça calva e lustrosa, um galhinho de arruda na orelha. Se o outro demorava em servir, José batia o cálice na mesa.

O botequim era um corredor escuro, com três ou quatro mesas encostadas à parede e o balcão no meio, atrás do qual o gordo abaixava a cabeça sob as garrafas. No balcão havia um vidro de pepinos com bolor alvacento boiando no vinagre.

E nenhum espelho na parede. José não gostava de olhar-se quando bebia. Descobriu aquêle botequim e vinha, tôdas as noites, sentar-se à sua mesa, o jornal amassado no bôlso. Sempre o mesmo jornal, rasgado nas dobras. Lia notícia completa antes de emborcar a primeira dose.

Os raros intrusos que se aventuravam no botequim davam as costas a José. Ninguém gosta de estar, no botequim vazio, de cara com um desconhecido. A mesa era ao lado do reservado. Cada vez que alguém ali entrava, José sentia o odor familiar de amoníaco. Ficava de chapéu, o rosto na sombra, bebendo seus tragos. Na hora de fechar, o gordo retirava da barriga o avental sujo e, sem olhar para o cliente, começava a contar o dinheiro da gaveta.

José avançava devagar entre as mesas, como se não fôsse tempo de ir para casa. Tinha casa e família, preferia ficar no botequim, olhando na mesa os círculos úmidos. Botequim frio, escuro e pestilento. Não falava com ninguém, nem sequer com o patrão. Mas ali não se sentia só. Sabia que no balcão estava a garrafa aberta e mulher nenhuma diria: "Não beba mais, por favor... Pelas cinco chagas de Nosso Senhor, seja êsse o último cálice!" Não tinha vergonha de beber no botequim. O gordo era pessoa que compreendia as coisas. Além do mais, não havia espelho.

O gordo era pessoa que compreendia. Quando José não tinha dinheiro, deixava o jornal no bôlso e depois do quinto cálice ainda o bebia dum trago. Na hora de fechar, empurrava a cadeira e saía, sem que o patrão lhe corresse atrás. José retornava na noite seguinte; o relógio no bolsinho do gordo e a aliança na grossa mão cabeluda do gordo já haviam sido a aliança e o relógio dêle. Desde que o outro passou a usá-la

no mindinho, José soube que também o patrão era casado. Por amor da família sujeitava-se a encher o cálice do único freguês?

No balcão havia um prato com ovos cozidos, ao lado do vidro de pepinos, e ninguém adivinharia a sua idade, as cascas escuras de pó. O botequim não tinha movimento e o gordo permanecia debruçado no balcão, o raminho fresco de arruda na orelha. Por mêdo da solidão, conservava o lugar aberto, na esperança de que alguém entrasse? Era o último botequim funcionando aos domingos, embora sem fumaça de cigarro, sem o calor das vozes, sem o bafo azul na bôca dos bebedores.

Naquela noite um desconhecido surgiu inesperadamente no bar deserto, além do gordo e de José na mesa do fundo. O estranho, em vez de dar-lhe as costas, sentou-se na mesa próxima. O patrão serviu-o e retirou-se. O outro saudou José com o copo e, lívido, numa careta de mêdo, adicionou a morte na bebida.

José observou a sombra redonda no teto, as manchas de umidade na parede, com riscos prateados de lêsmas e, por fim, o vizinho que, depois de beber, deixava a cabeça cair na mesa e o braço pender até o chão — lentamente o copo veio rolando aos seus pés.

O gordo, arrecadando o dinheiro da gaveta, tinha abandonado o lugar. José afastou-se vagarosamente e, a cada passo, sentia a meia encharcada. Por mais cansado que estivesse, podia andar a noite inteira na chuva. Não era hora de ir para casa. Teria de voltar aos botequins e começar outra vez.

a armadilha

AQUIETOU-SE aos poucos o movimento da casa. Ficou por último a tosse do velho asmático. Para não dormir, eu registrava o tempo entre os acessos; êles se foram espaçando, contei até cinqüenta e três — o velho adormecera. De vez em quando eu riscava um fósforo para olhar o relógio.

O quarto de Odete era vizinho ao meu e, às onze horas, ouvi a sua cama ranger. Eu deixara a porta entreaberta e fui olhar pela fresta. Ela acendera a lâmpada do corredor; descalça, de combinação e tôda despenteada, trazia um cigarro na bôca, o rosto crispado pela fumaça. Foi beber água no barril da cozinha e, apagada a luz, voltava pé ante pé.

Dei um passo e segurei-a pelo braço, mas não se assustou.

— Vou deixar a porta aberta — eu cochichei.

Em resposta ela me apertou a mão. Andou pelo corredor até o seu quarto e fechou a porta, mas permaneceu do lado de fora. Escutávamos a respiração ofegante um do outro no silêncio da casa. O velho roncava. Eu podia distinguir pés descalços arrastando-se no soalho, mais leves que a corrida noturna da ratazana. Ela surgiu no vão da porta. Fui ao seu encontro, beijei-lhe a bôca e mordi-lhe a orelha.

— Vou embora se você continuar assim.

Ouvimos rumor no quarto dos velhos e quedamos transidos, cochichando entre risos nervosos. Resistia a deitar-se na cama.

— Tenha modos. Não vim aqui para isso — ela repetia, entre beijos afogueados. — Fique quieto. Não faça isso, meu bem. Não, queridinho. Por favor, minha mãe do céu.

Eu estava deitado entre ela e a parede.

— Tua mão é menor que a minha.

Era mesmo: mão de mulher que trabalha. Passou a medir e comparar as duas, entre apertões furiosos.

— Me dá um cigarro.

— Se eu me levanto faço barulho.

O paletó estava pendurado no cabide.

— Nós erramos. É pecado muito feio.

Não podia introduzir-me sob as cobertas; ela ocupava inteiramente a cama.

— Com os outros não era pecado?

— Você é o primeiro, querido.

Agora eu queria dormir, o trem passava bem cedo.

— Ora, a gente logo vê que você tem experiência. Tua família não liga?

— Ah, é? Não queira saber o que meu pai faz quando fica zangado. Êle dorme com o revólver debaixo do travesseiro.

Dei um pulo na cama e ouvi, eu podia jurar que tinha ouvido a mulher dizer lá no quarto: "Você está acordado, velho?"

Odete se desmanchava em beijos, mas eu sentia nêles o gôsto enjoado de sarro. Pensei com aflição no trem que me levaria para longe. Sacudindo as asas, os galos cantavam sem parar.

— E meu cigarro?

— Não fale tão alto. Se teus pais ouvem?

— Quer que eu vá embora, não é? Mas antes queria que eu viesse.

Comecei aos poucos a empurrá-la fora da cama. Ela deu um salto. Apanhou a carteira no paletó e deitou-se outra vez. Restavam quatro cigarros, dei-lhe dois:

— Um é para fumar depois no teu quarto.

Odete cobriu a cabeça com a colcha para esconder o clarão do fósforo. Apertava-me a mão contra o peito, e, fumando, cochichava cada vez mais alto:

— Agora você não me quer mais e antes queria. Parecia um louco. Agora está diferente.

— Por favor, fale baixo.

— Você quer que eu vá embora, não é?

— Não, não quero. Até gosto que você fique.

Relinchou um cavalo, que batia com o casco duramente na terra. Ela deseja provocar escândalo comigo aqui. Nunca mais na vida hei de ficar nu.

— Diga. Diga que quer que eu vá embora.

— É tarde, meu bem. Seria melhor que voltasse para teu quarto. É muito perigoso. Teu pai pode acordar.

Não respondeu; acabou de fumar e sentou-se na cama. O relógio da igreja deu as horas. Deus meu, fazei por favor que ela suma-se daqui... Suor frio colava-me ao lençol: o velho zangado com o revólver!

Um cachorro latiu ao longe, outros respondiam cada vez mais perto. Sentada na cama, afinal ela ia embora; em despedida, afastei-lhe os cabelos da nuca e depositei casto beijo. Ela voltou a se deitar. Cresceram ruídos no quarto do casal.

— Não se mexa. Fique bem quieta.

Odete insistiu em acender outro cigarro. E tragando, a brasa lhe incendiava o rosto: duro queixo, olhos sem piedade.

Eram de madeira antiga os estalidos sinistros no corredor? Procurei lugar debaixo das cobertas para esconder a nudez vergonhosa — não cabíamos os dois. Odete estava gasta e sêca, porém nádega de mulher não encolhe.

O soalho repercutia os rumôres. Eu sentia o coração feito um sapo batendo no pescoço. De repente a porta abriu-se. Odete deu um grito, e antes de acender-se a luz, eu sabia quem era.

Beto

O DESGÔSTO do velho Tobias era o filho Beto, enfêrmo de mongolismo na infância, a medonha cara vermelha.

— É tarado — desculpava-se êle, e depois corrigia. — Doente de nascença.

Fôra um bicho em criança, andava de quatro, a língua de fora; aos pulos, subia nas árvores com a agilidade dos micos. Era amarrado entre os cachorros no fundo do quintal. Escapava por vêzes, arrastando a coleira pela rua — uma correria entre as crianças. Aprendeu que, se se comportasse, poderia brincar no gramado, diante da casa, senão era prêso na corda amarrada ao caquizeiro. A cabecinha bem pequena, nariz purpurino, descalço, silvava entre os dentes afiados um guincho selvagem.

Aos vinte anos, engrolava as palavras, sem pronunciar os erres — a língua se mexia feito uma ostra que não pudesse engolir.

— A omba oou...

A pomba voou. Mais que as surras de correia do pai, domesticara-o a paciência amorosa da velha Zica. Aos sábados, vestia-o de roupinha limpa, cortava-lhe as unhas e dava-lhe um cigarrinho para que deixasse o barbeiro lhe fazer a barba. Não ficava quieto na cadeira, saía com dois ou três talhos no pescoço atarracado e curto.

Enxugava a louça para a mãe, sem quebrar nenhum prato. Puxava água do poço, cortava lenha, lidava na horta. Tinha paixão pelo casal de garnizés. Ganhara da mãe um vira-lata, mestiço de fox, que foi envenenado pelo inspetor da prefeitura.

— Matou o Foc. Êle que matou o Foc. Deu bolinha para o Foc.

Implicava com os vizinhos:

— Quando é que êle sai? Tire o homem, pai. Êle deixou crescer o mato.

— Daqui a quatro luas o homem sai.

— Tá em...

Sofria o feitiço da lua. Correndo pelo pomar, atirava pedras no garnizé, pendurava-se na cêrca para chamar a pombinha. D. Zica perguntava, intrigada:

— Vai chover, Alberto?

Sòmente com a mãe conversava êle, de bom humor. Imitava o jeito do pai, mãos cruzadas nas costas, de fala pausada, a cabecinha inclinada no ombro. Mostrava o cigarro de palha na orelha. De repente, beijando a mão e virando os olhos, improvisava a cena de quem acaricia uma mulher, e foi assim que revelou à d. Zica os amôres escondidos do marido.

— Tá uim, não é?

— Está, sim.

— Pode ser que êle saia.

— Quem?

— O homem-porco.

Pede licença ao vizinho para ir buscar o garnizé que pulou a cêrca. Pergunta pelo Foc. Ou pela pombinha que voou e não voltou. Para seduzir a criadinha, balança-se na laranjeira de cabeça para baixo e fuma o cigarro apagado que apanhou

do chão. A menina ri nervosa, um pouco assustada. Beto pisca os olhos, uma gosma pendente no canto da bôca.

— Ela riu para mim. O pai deixa?

— Eu deixo — responde Tobias, divertido. — Mas e o homem?

— Homem é brabo.

Um circo chegou à cidade. Durante a passeata dos carros pela rua, Beto xingou os bichos, sacudindo-se furiosamente na cêrca, aos uivos:

— Ilhos das ães!

— Beto, olha lá o leão.

Não dormiu, agitado com os urros do leão doente: buzina rouca de antigo fordeco.

A mãe encontrou-o, de véu no rosto, brincando com as imagens do oratório, que dispusera em fila igual aos artistas do circo em desfile.

— A Maria está louquinha para casar. A Maria chora. A casa do homem tem rapôsa.

— Êle vai se mudar daqui a três luas.

— Mas êle que deixe a Maria.

E encostando no ouvido o relógio de pulso:

— Agora são quinze minutos.

O circo foi embora. Despediu-se a criadinha da casa ao lado, com mêdo de Beto que, de puro amor, espremia vaga-lume nas unhas para deixá-las fosforescentes. Nada mudou para êle, que imita os saltos de um sapo velho e gordo no jardim; com uma vareta risca-lhe a pele enrugada, babando-se de gôzo ao ver-lhe o papo inchado de terror e escorrer dos ferimentos leite, em vez de sangue — ai, se o bicho lhe espirrar urina nos olhos ficará cego na mesma hora.

De repente, na tarde ensolarada, corre inquieto de um lado para outro, um pedaço de língua de fora, chama a pombinha, sai atrás do garnizé. Então d. Zica, gemendo de dor nas cadeiras, começa a recolher a roupa estendida no varal.

o roupão

Assim que apertei a campainha, Lúcia abriu a porta — ela devia estar à espera.

— Pensei que não viesse.

— Eu prometi, não foi?

— Com essa chuva. Só pode ser amor!

Tomou das minhas mãos a capa, que pendurou no cabide, e o guarda-chuva, que deixou aberto na banheira.

— Cuidado para não pingar, querido. Se êle vê o soalho molhado vai querer saber quem foi.

— Antes de bater, eu podia jurar que ouvi uma fala de homem.

— Que bobagem, meu bem. Estamos sós.

Sentamo-nos cerimoniosamente na sala, ela no sofá, eu na poltrona.

— Aceita um licorzinho?

— Não, obrigado.

— Você deve ter molhado os pés.

Magra e sêca, Lúcia andava de um a outro lado, com o andar desengonçado de quem não tem quadris. Trouxe dois cálices na bandeja.

— Não me pegue, meu bem, que você derrama.

Fêz questão de bater os cálices coloridos:

— Ao nosso amor!

Era incômoda a sensação de que havia alguém atrás da porta. Sentia desgôsto profundo de ter vindo e estava com os pés úmidos.

— A verdade é que eu quase não vinha.

— Ah... — estalou um muxôxo, ofendida, com o dedinho espevitado.

— Eu tinha mêdo do que podia acontecer. Você é tão bonitinha. Só nós dois...

— Bonita já fui — atalhou ela.

Apesar de meus protestos, encheu novamente o cálice. Era licor enjoado, de ovos. Ela estremecia a cabeça e, revirando os olhos, contou ter sido abandonada pelo marido, que a deixou por uma negra, e negra horrorosa era aquela! De maneira que de nada valia ser bonita.

— Você acha que tenho dente postiço?

— Meu bem, seus dentes são perfeitos.

— É o que você pensa. Está vendo êstes dois? São falsos. Isso foi de um sôco do meu marido.

— Barbaridade!

— Fiz bem em abandoná-lo, não fiz? Eu o enganava, é verdade. Mas êle não tinha direito de me bater, tinha?

— Um monstro moral, meu bem.

Ergueu-se do sofá e com meneio afetado veio instalar-se nos meus joelhos.

— De maneira que me acha bonita, querido?

— Você me deixa louco.

— Mas você é casado.

— E daí?

— Você adora sua mulher, não é?

— Adoro, sim.

— E não pensou nem um pouquinho em mim?

Repartia o cabelo ao meio, puxando-o dos lados do rosto comprido, onde as narinas afiladas palpitavam. Ficou de pé e, a mão na cintura, deu alguns passos requebrados.

— Você não acha que estou tôda frufru?

— Acho.

— Eu me enfeitei só para você.

Estava mesmo frufru, o vestido armado, de musselina rosa, com sapatos de crocodilo, agitando as pulseiras no pulso quase transparente. Acomodou-se no sofá e estendeu-me os braços.

— Sente aqui no meu colo.

— Sou muito pesado.

Sentindo-me ridículo — "Coitada, é tonta de vez!" — fiz o que me pedia. Apoiei-me no braço esquerdo, mantendo-me suspenso nos seus joelhos pontudos.

— Você é tão gorduchinho! Já viu o meu relógio?

Era relógio de pulso, dourado, com tampa de mola.

— Presente do Oscar, querido.

Comecei a beijá-la no pescoço, os óculos ficaram embaçados e guardei-os no bôlso da lapela. Ela me afastou de si e me examinou de olhos críticos.

— Você fica tão diferente. Não te conheço mais.

Perturbado, quis beijá-la. Ela me conteve à distância.

— Não, querido. Ponha os óculos. Você fica mais engraçadinho.

Fui beijá-la, e outra vez recuou a cabeça.

— Não seja tão apressado.

Vasculhou a bôlsa de crocodilo, a um canto do sofá, e achou um bombom. Descascou-o e o pôs inteiro na bôca. Depois, agarrando a minha cabeça com as mãos, deu-me um violento beijo e, abrindo os meus lábios com a língua, introduziu-me um pedaço de chocolate na bôca. Eu o devolvi, com um movimento de língua. Ela o passou pela segunda vez para a minha bôca e, com repugnância, então o engoli.

Voltei a beijar-lhe o pescoço e mordisquei-lhe a orelha enfeitada por uma enorme pérola.

— Aposto que é presente do Oscar.

— Não, querido. No ombro... morda...

Pediu que lhe chupasse o ombro até deixar sinal bem vermelho.

— Oscar é tão desajeitado. Gosta de me morder as pernas.

Pus-me de pé e ela ergueu o vestido para exibir as marcas roxas. Agarrei-a, mas ela pediu:

— Meu vestido nôvo, querido. Aqui não...

Acompanhei-a ao quarto.

— Você não fecha a porta?

— Não há perigo.

— E hoje será que êle não vem?

— Não. Hoje é dia da família.

Aos beijos, derrubei-a na cama de casal.

— Que horror! Espera um pouco, meu bem.

Sem pressa, ela começou a desabotoar o vestido.

— Êste vestido, sabe quanto custou? Cinco mil! Combinação elegante, não é? Último modêlo. Oscar é doidinho por mim. Onde estão teus óculos? Eu quero você de óculos, querido.

Insistiu que eu retirasse a camiseta:

— Para encostar as barriguinhas.

Apanhou a camiseta de meia e esfregou-a no rosto:

— Não ligue, meu amor. Eu sou bem assim!

Indiquei o retrato na mesinha de cabeceira:

— É êle?

Lúcia confirmou com a cabeça.

— Mas é um velho.

— É forte o velho!

Para provar que era, Oscar erguia-a nos braços, êle de roupão, ela nua, dava a volta no quarto, mordia-lhe as pernas e atirava-a na cama.

— Posso te pedir um favor, querido?

— O que quiser, meu amor.

— Que você vista o roupão.

Estendido aos pés da cama, o fabuloso roupão vermelho.

— É grande para mim.

Ajudou-me a vesti-lo. Era enorme: arrastava pelo chão, cobrindo-me os pés, e fui obrigado a dobrar as mangas. Voltou-me a angústia de que o velho estava escutando atrás da porta.

— Dá dois de mim.

— Êle só tem tamanho.

— Que tal se êle entra agora?

— Pode ficar sossegado.

Há três anos era sustentada por êle. Babava-se todo quando a beijava e ela ficava inteirinha arrepiada. Repetia o cerimonial de passear com ela nos braços, atirando-a de repente sôbre a cama. Já havia quebrado duas vêzes o estrado de madeira. Ela então pretendia ficar raivosa. No fim, afogueado como êle estava, e para que lhe baixasse o sangue da cabeça, Lúcia fazia-lhe cócega nos pés. Morria de mêdo que o velho tivesse um ataque do coração, na idade dêle não era brincadeira. Vinha ao apartamento tôdas as noites, menos uma. Uma noite por semana era destinada à família, as outras para ela.

— E a mulher não desconfia?

— Ela sabe. Até me telefonou uma tarde. Olhe que é ter classe! O problema é do Oscar, minha senhora, não meu. A senhora chegou tarde. De maneira que... Me alcance a combinação, querido.

Cobri piedosamente a sua nudez obscena de magra. Pediu-me um cigarro, mas fêz questão que eu o acendesse na minha bôca. Tragou de olhos fechados.

— Cuidado com a cinza no tapête. Êle é muito desconfiado.

Ficava furioso porque os homens se viravam para Lúcia, ainda com êle ao lado. "Eu tenho culpa de êles me perseguirem, Oscar? Os velhos são todos uns gaviões."

Olhou dos lados, embora estivéssemos sós, apagou a voz e principiou a cochichar-me ao ouvido. Tinha nojo dêle porque era ruivo. Já arrastava os pés e ainda queria ser homem. Morriam de tédio um ao lado do outro. Ela pintava as unhas, enquanto êle punha o boné e a manta xadrez no pescoço, e ficava à janela, divertindo-se em cuspir na rua e escondendo-se assustado quando acertava em alguém. Ou então distraía-se com um elástico a matar môsca e fazia pontaria, fechando um dos olhos. Às vêzes desesperava-se: "Mas elas não têm fim, Lúcia. Elas não acabam nunca."

Com um suspiro, Lúcia foi estender o roupão aos pés da cama, e em voz alta:

— É a mania dêle. Quer o roupão sempre aí, no mesmo lugar.

Acompanhou-me à porta, ofereceu-me a capa e o guarda-chuva.

— Você volta, meu bem?

— Que barulho foi êsse?!

— Nada não, querido. É uma goteira. Agora você não gosta mais de mim. Eu sei como são os homens. Você volta mesmo, querido? Eu tenho coisinhas do outro mundo para te contar.

No fim do corredor apertei o botão na parede. Da porta Lúcia me dizia adeus e atirava beijos. Abriu-se o elevador; antes de embarcar, voltei-me e ainda vi o braço do roupão vermelho que a puxava para dentro.

o baile

O BAILE foi no paiol de d. Querubina, com gaiteiro, cerveja, cachaça e vinho. Realizou-se a festa em grande harmonia até que Tobias, por efeito do vinho doce de laranja, muito exaltado, em estado de embriaguez porém furiosa, dessa que arrasta ao crime, pôs-se a quebrar copos e garrafas. Mestre do botequim, o marido de d. Querubina protestou.

— Por enquanto é garrafa, logo mais é cabeça de negro — retrucou Tobias. — E aqui não tem homem para mim.

Dizendo isso desfechou uma cabeçada no velho Emílio, que rolou aturdido e a cuspir sangue. Exibindo a faca, Tobias bradou em altas vozes:

— Eu vim aqui obrigar a me pagarem cerveja. E quando não tem cerveja bebo sangue de gente.

Surgiu no salão e queria cortar a harmônica, sendo impedido a muito custo. Obrigou as damas a dançar com êle, ora de um jeito, ora de outro, e gabava-se que ia bailar com as que eram môças e as que não eram e, se alguém se doesse, que viesse tirar satisfação. De arma em punho, fêz muito barulho, trazendo os convidados em correria. Afinal proclamou: "Aqui ninguém me agüenta!" e verteu água no meio do salão, na presença das senhoras, que, virando o rosto, fugiram para a cozinha.

No mesmo instante Tobias foi agredido por uma dezena de cavalheiros. Êle ainda tentou se proteger, desferindo diversos pontaços. Quando acabou a confusão, estava desacordado no soalho e foi removido para fora, onde o deixaram dormindo pacìficamente debaixo da gaviroveira.

Pela meia-noite a festa continuava bastante animada. Como ninguém o ajudasse a desencilhar o cavalo, Diogo foi entrando pela cozinha e insultando os presentes de — "Filhos da mãe". Queria acabar com o baile e ameaçou bater em todos de rabo de tatu, principalmente na velha alcoviteira de nome Querubina.

Após ter invadido a festa sem ser convidado, de chapéu na cabeça e com o rebenque na cinta, continuou a afrontar as pessoas chamando-as de — "Carniças", desacatando o velho Emílio, dizendo que êle não era homem. O velhinho respondeu que era homem, mas não para brigar.

Com o rabo de tatu, Diogo espancou gente, no meio de grande gritaria, indagando se alguém achava ruim e, como ninguém se manifestasse, anunciou que ali não havia homem para êle. Um cidadão de nome Sizenando contestou:

— Sou homem para qualquer desfeita.

Diogo saltou a janela e com o punhal riscava o chão do terreiro:

— Aqui não tem homem.

— Eu já tirei faca de macho, quanto mais de um porqueira como você.

Sizenando sacou do revólver e disparou, acertando no lado esquerdo da cabeça de Diogo, que derrubou a faca e gritou: "Ai, meu Deus, estou atirado!" Saiu correndo, embora ferido, e desapareceu na escuridão.

O estampido não chegou a assustar as famílias e o baile transcorreu na mais completa ordem até às duas da manhã. Eurides convidou uma dama para dançar e a desrespeitava no sa-

lão. Homem honesto e trabalhador, gostava de conquistar as môças e quando bebia era provocador.

— Está de côrno virado, môça? Está soberba que não quer bailar comigo?

Sendo repelido, Eurides largou-lhe da mão, proibindo-a de dançar com outro. Ora, o noivo da môça, de nome Aníbal, vendo que o parceiro a apertava demais e procedia mal, apoderou-se de uma garrafa no botequim, onde estava bebendo com amigos, e entrando no salão vibrou-a na cabeça de Eurides, que caiu tonto entre cacos de vidro. Alguns convidados conduziram o ferido para o terreiro.

Aníbal saiu a bailar com a môça. Plantou-se Eurides a seu lado, ostensivamente, sem desviar dêle os olhos nem piscar.

— Vamos lá fora ter uma conversa.

A noiva correu para a cozinha e d. Querubina acudiu com água de açúcar. No terreiro, com ares de provocação, Eurides retirou o punhal e o enfiou na cinta, fora da bainha.

— Não se chegue porque eu te corto! bradou Aníbal, ao mesmo tempo que recuava.

Eurides insistia em saber porque fôra derrubado pelas costas com a garrafada. O outro perguntou se não se lembrava dos modos como dançara, que era muito sem consciência e deveria ter ao menos respeitado a noiva alheia. Retrucou Eurides que, se algum dia tivesse noiva, qualquer um poderia proceder com ela de igual maneira, pois de sua parte não se incomodava.

E, sacando da faca, procurou atingir Aníbal, que rebateu com a mão esquerda, espirrando sangue. Eurides tentou pela segunda vez cortar o desafeto; êste deu um pulo para trás e assim mesmo o punhal alcançou-lhe a camisa, furando-a. Aníbal desembainhou também o punhal e, quando o outro investiu novamente, esperou-o de braço estendido e, com todo o pêso do corpo, o peito de Eurides foi trespassado pela faca. Ferido mortalmente, virou-se com grito de espanto e correu vinte metros, caindo de cara no chão.

Aníbal foi buscar a noiva no paiol e, passando ao lado do corpo, nem se incomodou de olhar se estava morto.

D. Querubina pediu ao gaiteiro que bisasse a valsinha — "Lágrimas de Virgem". E o baile prosseguiu animado e na mais perfeita harmonia até de manhã cedo.

caso de desquite

— ENTRE, SEVERINO.

Êle cruzou as pernas e acomodou no joelho o chapéu de aba larga. Tirou um cigarro de trás da orelha e acendeu o isqueiro. Incendiou a palha uma violenta chama, abafada por êle na ponta dos dedos encardidos.

— Fui criado pelos Seabra, doutor. Quero me separar da mulher porque sou homem de honra. Tenho de procurar nôvo pouso. Moro no meu rancho, não me meto com a vida de ninguém. E um vizinho foi fazer intriga da mulata para a minha velha.

— Que mulata é essa, Severino?

— Uma conhecida, doutor... A Balbina. Ela dá dois aqui do hominho, e travesseiro bom está ali.

— Não entendo nada, Severino.

Principiou a alisar a costeleta com a unha preta do polegar:

— A velha é uma jararaca, doutor. Fui tocado de casa, está bom? Há uma semana que durmo no paiol. Nem por Santa Maria quero mais saber dela. Olhe, doutor, nem por São Benedito, está bom? Para me ver livre da velha eu deixo tudo para ela, o rancho, o palmo de terra, menos os trens de homem: a carroça, as ferramentas, a cachorrinha que é de estimação. Mas ela deve desistir de qualquer parte da minha pensão. Agora é a vez dos filhos trabalharem para ela.

— Quantos filhos, Severino?

— Eram onze, doutor, um morreu, agora são dez. Sete casados e três solteiros. O hominho aqui é dos bons.

— Do lado de quem êles estão?

— Todo filho chega à idade de ser ingrato, doutor. Estão todos do lado dela.

O cigarro tinha apagado. Êle riscou a pedra do isqueiro, que projetou uma labareda, chamuscando as pontas do bruto bigode.

— Olhe aqui, doutor, se ela insistir muito, pode ficar até com a cachorrinha.

— Há quantos anos estão casados?

— Mais de quarenta, doutor. Estou com setenta, casei com vinte e cinco. Não pareço, não é, doutor? Aqui entre nós, ainda sou dado às mulheres.

— Agora é a vez da mulata, hein, Severino?

— O que é a maldade do homem, doutor. Ninguém pode ver a gente feliz. Um vizinho veio com intriga... Já lhe digo, doutor, quem é êsse vizinho. Eu por mim não quero saber da vida de ninguém. O que me contam entra por êste ouvido e sai pelo outro.

Mal êle começava a falar, o cigarro apagava. Às primeiras palavras, ainda se lembrava de soprar a brasa, e depois, arrebatado, gesticulava com o cigarro na mão. Ao tragar a fumaça, repuxava a bôca desdentada.

— A verdade, doutor, é que sou enganado pela mulher. Deve ser história antiga. Por muitos anos eu fui foguista. Fazia fogo tôda a noite. Ela e os onze filhos dormindo. Ela, regalada, dormindo e o hominho aqui fazendo fogo.

— Já suspeitava dela naquele tempo?

— Para dizer a verdade, até que não. Homem é bicho confiado, não é mesmo, doutor? Foi no baile que eu descobri. Era o casamento de uma das filhas. Nunca fui sovina, doutor, quando caso as filhas dou baile. E fui na delegacia pedir o alvará para a festa. O delegado destacou o inspetor de quarteirão, o João Maria, o vizinho de que falei há pouco.

— Que vizinho mesmo?

— O que foi fazer fuxico da mulata para a minha velha. Não gostava do homem, por isso nem tinha convidado. Mas êle foi como inspetor e foi bem recebido. No meio do baile, imagine só, doutor, vai o João Maria até a cozinha e convida a minha velha para dançar. Ela estava grávida do último filho, e nos últimos meses. E o homem nem me pediu licença.

— Se êle tivesse pedido, Severino?

— Então eu deixava, doutor, não sou mal-educado, está bom? Mas não pedir licença é uma desfeita ao marido. (Engoliu em sêco.) Uma afronta, doutor. Era uma valsa, eu me lembro até hoje. Eu fiquei brabo e os convidados repararam, eu ouvia cochichos pelos cantos. Terminada a dança, fêz-se silêncio no salão. Todos olhavam para mim, esperando o que eu ia fazer.

Retirou outro cigarro do bôlso do colête e repetiu a operação com o isqueiro, abafando a língua de fogo nas pontas calejadas dos dedos.

— Todos olhavam para mim, doutor. Eu precisava fazer alguma coisa. E com voz grossa eu gritei: "Gaiteiro, agora toque Saudades do Matão." Daí sabe o que o João Maria fêz? (Soprou a brasa do cigarro.) Foi tirar de nôvo a mulher lá na cozinha. E daí eu perdi a fiança, está bom?

— Ora, Severino, isso não significa nada.

— Ah, doutor, eu que me controlei para não ir acabar na penitenciária. Naquele dia eu tive a certeza que a velha me enganava.

— Certeza, Severino?

— Bem, doutor, o senhor sabe como é. Sou homem de trabalho; ganho a vida com meu carrinho vendendo banana, faço carrêto, puxo lenha. A pensão da aposentadoria não dá para nada. Assim eu não podia perseguir a velha o dia inteiro. Ela é muito ladina. Mas pelos trens da cama eu via tudo. Foi então que de desgôsto eu me engracei com a mulata. A velha

se enciumou e me escorraçou de casa. Até correu atrás de mim com um pilão de cozinha. Então um homem não tem mais direito, doutor? Ela jurou que me arrancava o cabelo. Chegou a agarrar quando eu me escapei.

— Bem, e a mulata na história?

— Não é feia, nem bonita, doutor. Preciso de alguém para cuidar de mim (leve sorriso). A velha tem os dez filhos por ela.

— Não é isso, Severino. Você teve algum caso com a mulata?

— Ela tem um rancho à beira da estrada. Lava roupa para fora, doutor.

— Ora, conte a verdade. Você é homem, Severino. Forte, bem disposto.

Deu uma gargalhada, mostrando as gengivas com apenas dois caninos. Olhou para a porta fechada. Depois enfiou a mão no bôlso, exibiu um par de meias riscadas de algodão.

— Presente da Balbina, doutor.

Ficou sério, acendeu o isqueiro e soprou a brasa:

— Qual é sua opinião, doutor?

— Não é motivo para desquite.

— A velha é uma assassina, doutor. Dois dias depois do baile, a criança nasceu fora do tempo. Por causa das valsas, doutor. Ela nasceu aleijada e morreu com trinta e dois dias... Foi castigo. Era um menino, doutor.

Soaram tímidas batidas na porta. Severino cochichou:

— É ela.

— Você deixou sua mulher esperando, Severino?

— Deixei lá fora, doutor. Então nada feito?

— Meu conselho é a reconciliação.

Agora as batidas eram mais fortes. Com a ponta dos dedos êle espremeu a brasa do cigarro e o pendurou na orelha.

— Posso ficar com a mulata, doutor?

— Poder, pode. Mas não deixe que a mulher saiba.

— Obrigado, doutor. Mando a velha entrar?

Severino abriu a porta; a cabeça dêle chegava aos ombros da mulher, que dava a mão a uma menina. Era grandalhona, loura, muito branca e magra. Sentou-se e repuxou o longo vestido escuro, escondendo as chinelas rôtas.

— Eu tenho vergonha de vir incomodar o doutor (levou à bôca a mão trêmula, de dedos tortos). Veja, doutor, se êste

velho não está caducando. É bisavô, tem mais de um neto casado. E agora está com mania de mulher. Depois dos setenta todo velho fica sem vergonha.

— Dobre a língua, mulher. O hominho é muito bom. Mas se me pisam eu fico uma jararaca.

— Se êle quer sair de casa, doutor, que pague uma pensão para a gente se manter.

— Você tem filhos emancipados. Fui eu que criei um por um, está bom? Ela não contribuiu com nada, doutor. Só dava de mamar nos primeiros meses.

— E quando você estêve desempregado quem é que fazia roça?

— Isso foi naquele tempo. O hominho aqui se espalhava. Fui jogado no mundo, doutor. Desde onze anos estou no mundo sem ninguém por mim. O céu lá em cima e o hominho aqui na carroça, noite e dia. Sempre fui o mais sacrificado, está bom?

— E se você ficar doente, Severino, quem é que te atende?

— O doutor já viu urubu comer defunto? Ninguém morre sòzinho. Sempre tem um cristão que veste e enterra a gente.

— Na sua idade, sem os cuidados de uma mulher...

— Eu arranjo.

— Só a trôco de dinheiro é que elas querem você. Agora você tem dois cavalos e quer ir embora com os trens de homem. A carroça e os dois cavalos é o que há de melhor, e vai me deixar sem nada.

— Você tinha a mula e a potranca. A mula, vendeu e a potranca, deixou morrer. Eu tenho culpa? Só quero paz, um prato de comida e roupa lavada.

— E para onde foi a lavadeira?

— Quem?

— A mulata.

A mulher falava devagar e com cuidado da dentadura superior, que lhe embrulhava a língua. Ela a apertou com o polegar para dar uma risada de pouco caso.

— Êle não responde, doutor? É que, a mulata, um polaco roubou.

— Nunca foi lavadeira, está bom? Prove, se puder. Depois, homem pode fazer tudo, nada pega. Mulher é diferente.

— Êle quer alegar a história do baile, doutor. Por causa de duas marcas que eu dancei oito anos atrás. No dia do casamento da mãe desta menina.

Acariciou a cabeça da neta, que observava a folhinha na parede, seguindo os conversadores com o rabo dos olhos.

— Negue para o doutor que você me perseguiu com a mão do pilão.

— É verdade, doutor. Dei com a mão do pilão, porque êle virou bicho.

— Deu, não. Ameaçou dar, quis dar.

— Não dei porque você fugiu.

— Mas não deu, está bom? Sou estimadíssimo na praça, doutor. O prefeito e o delegado estão a meu favor.

— Eu conversei com o Severino, minha senhora. Êle está disposto a fazer as pazes e ir dormir novamente em casa. Uma família com onze filhos, depois de tantos anos...

— Está bem, eu volto. O doutor manda e não pede. Então eu volto. Mas ela que não me azucrine. O hominho aqui é brabo.

Riu-se a velha, entre desdenhosa e conciliadora, sustentando os dentes com o polegar.

— Então é assunto resolvido.

A mulher despediu-se e foi até a porta, esperando.

— Pode ir na frente, que eu já vou. Quero trocar uma palavrinha com o doutor.

Ela desceu os degraus, de mão dada com a menina, e parou, voltando a cabeça. Severino, de pé, coçava a costeleta, indeciso.

— Nada feito mesmo, doutor?

— Tenha paciência, Severino. Não é caso de desquite.

Consertava o lenço encarnado ao pescoço e batia com o salto das botas no patamar.

— Homem é homem, doutor. Homem pode fazer tudo, nada pega. Mulher é diferente. O João Maria foi à cozinha e tirou a velha para dançar, está bom? Não pediu licença, como se fôsse coisa dêle. Não é prova, doutor, quando eu gritei para o gaiteiro que tocasse Saudades do Matão, êle ir convidar de nôvo a mulher lá na cozinha? O doutor estude bem o caso, eu volto outro dia. Olhe aqui, doutor, o gaiteiro está morando em Curitiba, êle se lembra até hoje.

o coração de Dorinha

MAGRA E PÁLIDA, de olhos arregalados, Dorinha sofria do coração e — segundo a confidência do médico à d. Iraide — podia morrer de uma hora para outra. D. Iraide, abandonada pelo marido, adorava a filha e queria para ela tudo o que não havia tido. Matriculou-a no colégio das freiras, em vez de no grupo, e depois na escola normal, onde se diplomou com distinção. A mãe levou-a duas vêzes à capital para consultar o especialista.

— Mamãe, meu coração pára de repente...

O coração da môça estacava por alguns segundos — ela não mais o escutava. Perdia o pulso como uma formiguinha que desaparece na manga do casaco. A mãe acudia com as gôtas de coramina.

Era menina miúda e feia, dentes amarelos, de longa cabeleira negra, que lhe descia até a cintura, e d. Iraide a penteava demoradamente, enrolando as tranças que balançavam no pescoço de brancura fria. Graças ao padrinho obteve que Dorinha fôsse admitida no clube e, costureira prendada, confeccionou trajes festivos para a filha. Nos bailes, ficava sentada à mesa, sempre de casaco, para esconder o vestido modesto, acompanhando enlevada as evoluções da môça pelo salão. Dorinha nunca dançava o bis. Chegava ofegante ao fim da marca, a respiração difícil. Com os volteios da valsa, não tinha pingo de sangue no rosto. Nas trêmulas mãos lívidas usava luvas de crochê para cobrir as unhas roxas. Pedia licença ao par, com sorriso triste, que lhe crispava os lábios desbotados. Falava pausadamente, respirando entre duas frases para tomar fôlego.

Dorinha amava os moços com os quais dançava, aos artistas de cinema, aos cantores de rádio, de todos apaixonada. Suspirando por algum rapagão, que passava diante da escola onde lecionava, de súbito sentia a parada no peito. Sabia o que era: gastava o pequeno coração de tanto amar, e até pelos seus alunos vivia enfeitiçada. Na penumbra do cinema continha-se a custo para não beijar o homem barbudo ao seu lado.

Aos domingos, d. Iraide saía pelos arredores com a filha em lentas caminhadas a conselho médico, e segurava a sombrinha sôbre a cabeça já encanecida da môça — aos dezoito anos, os seus maravilhosos cabelos branquejavam.

Dorinha sonhava muita vez, horror! Debatia-se nos braços de um homem, que ria, cínico: "Para trás, miserável!" O bruto enrolava os bigodes e voltava à carga. Ela fugia, e êle cada vez mais perto. Lambendo os beiços, fechou os braços: "Minha, enfim!" A penitência do padre era invariàvelmente 5 padre-nossos e 5 ave-marias.

Fazia promessas no seu diário: "Juro não fumar mais que três cigarros por dia." Copiava pensamentos das revistas: "O amor é um sonho nebuloso." Ou suplicava: "Deus, por que você me deixou cair doente? Faça que hoje aconteça um milagre na minha vida e eu fique boa. P.S. — Por favor, meu Deus." Ou então: "Fui comprar um novêlo de lã; gordos e gordas por tôda parte." Ah, se d. Iraide suspeitasse: "Não andes pelas estradas ao sol em busca de um pouco de amor. Mêdo não tens de sardas no rostinho feio?" E frases misteriosas: "Ela se despiu diante

do espelho, beijou a carne fria, roeu os dedos, e depois cuspiu as unhas."

Sem fome, beliscava o pãozinho, asa de galinha, fazia careta para tomar o remédio. Amargo. Um pratinho quente de mingau? Por favor, mãe, eu não quero. Ao sair para o grupo, diante do espelho, beliscava o rosto descorado. Ah! os beijos que às vêzes lhe afloravam à nuca... com susto descobria estar só no quarto. Erguia a mão contra o sol e quase conseguia enxergar através dela. Cultivava profunda simpatia pelos dois ou três viúvos da cidade. O único ódio de Dorinha eram os gordos.

Espiando detrás da cortina os moços — nenhum olhava para ela — sonhava com o seu noivo querido, que arrastava ao chão a capa preta, forrada de sêda escarlate. Bruto príncipe, que anunciava: "Senhorita, não suporto chá com biscoito."

Numa tarde fria de outubro foi, de manhã, indisposta para a escola e chegou febril em casa. Trazia o guarda-pó dobrado no braço e pendurou-o no cabide do corredor. Abraçou a mãe sentada à máquina de costura e a outra estranhou a gelidez do seu beijo. Depois foi à janela, afastando a cortina de chita com bolinhas, para ver passar um dos viúvos tristes. Voltou-se para a mãe e, de pálida que era, ficou roxa — abriu bem a bôca e, a mão no peito, caiu morta.

Com os gritos de d. Iraide a casa encheu-se de gente: "Minha filha desmaiou, acudam. Que é que eu faço, vizinha?" O doutor veio e constatou o desenlace. D. Iraide não se conformava e pedia de mãos juntas: "Faça qualquer coisa, doutor. Pelo amor de Deus, salve minha filha!" Êle a procurou consolar: "Uma desgraça, minha senhora. Podia acontecer de uma hora para outra."

A casinha ficava no beco. Na hora do entêrro desabou uma chuva brusca e violenta. Atrás do caixão branco, vinha d. Iraide sem abrigo, a cabeça nua. E as antigas colegas de Dorinha em fila, no uniforme de normalistas, nenhuma de sombrinha; era comovente vê-las, gorduchas, os cabelos escorridos nas faces rechonchudas, algumas de sapatos na mão e, com risinhos abafados, pisavam nas poças d'água pelo caminho.

Gemendo de aflição, d. Iraide era lamentada pelo povo nas janelas. Alguns retardatários uniram-se ao cortejo, os únicos que traziam guarda-chuvas. Um dilúvio despejou-se do céu, os grossos pingos batiam com estrondo na madeira nova do caixão.

Encomendado o corpo na igreja, e ainda com chuva, d. Iraide insistiu em acompanhar a filha ao cemitério. Na sepultura do padrinho havia sido aberta uma cova, cheia de água suja e espêssa. Com aquela água, a mãe não permitia que enterrassem Dorinha — o caixão ficaria flutuando. A chuva caía torrencialmente. Dois coveiros começaram a esvaziar a fossa com baldes. Pediu d. Iraide que cobríssemos o esquife com os guarda-chuvas.

Impossível esgotar o buraco, sempre com um pouco d'água no fundo. Enfim a mãe deu permissão para baixarem o ataúde e dispersou-se o povo. Surgiu então o sol e, inspirando fundo o ar lavado, batíamos a terra vermelha dos sapatos.

D. Iraide foi para casa e não dormiu, imaginando que o caixão ficara boiando na água. Obteve permissão do prefeito para transferi-lo de lugar. Mandou erguer às pressas um túmulo no terreno mais alto do cemitério. E dois dias depois, numa tarde de sol, foi assistir à exumação. Desenterrado o ataúde, exigiu que o abrissem, para ver se a filha não estava molhada. Os coveiros recuaram, voltando o rosto, enquanto ela penteava a longa cabeleira grisalha da môça. Só então regressou em paz para casa.

Naquele ano a sensação em nossa cidade, no dia de finados, foi visitar o túmulo nôvo de Dorinha.

dia de matar porco

AOS SETENTA ANOS, Onofre era velhinho sem moral. Vivia embriagado quase todos os dias, e, depois de beber, punha-se a espancar a espôsa. Por vêzes, recolhia damas no sítio, onde se instalava com elas, atropelando a companheira legítima. Os filhos já eram casados e a coitada da velha se obrigava a pedir pouso na vizinhança. Enfim recebia recado que voltasse para cuidar dêle. E, quando ela regressava, Onofre tornava a beber e lhe batia de nôvo.

Há uma semana, Sofia fugira para a residência de uma das filhas, a descansar um pouco das surras e, ao mesmo tempo, esperar que êle se acalmasse. O velho resolveu carnear um

porco e avisou-a que viesse lidar com o bicho. Mas quem veio desta vez foi a filha Natália.

— E a mãe, onde está?

— Está lá em casa.

— Você vá lá e diga que ela venha cuidar da casa. E se ela não vem, eu vou lá e mato um por um.

Recebendo o recado, a velha decidiu voltar. Encontrou a porta aberta e garrafas vazias de cachaça por tôda parte. Tratou de acender o fogo para derreter a banha do porco. Sem que esperasse, Onofre pulou na porta do quarto:

— Ah, é você que está aí? É bom, porque hoje é teu dia. Hoje eu acabo com tua vida.

Agarrou-a pelas costas, derrubou-a no chão e cobriu a velha de sôcos e pontapés.

— Outra vez aprenda a ficar em casa. Cuide do teu homem e não ande pela casa dos outros.

A velha soltou um dos braços e ferrou-lhe as unhas no rosto:

— Eu ando onde quero e você não me manda.

A muito custo, Sofia chegou perto da janela e, quando o velho estacou, resfolegante, empinando a garrafa para retomar fôlego, ela conseguiu subir no peitoril e rolou para fora, caindo no monte de lenha picada. Onofre saiu cambaleando pela porta:

— Será que essa cadela ainda fugiu de mim?

Escondida debaixo da carroça, ouvia-o praguejar, batendo a torto e a direito com o chicote.

— É uma grande sorte tua, porque, se não fugisse, hoje eu dava o fim da tua vida.

Era ela, entendeu Sofia, era ela o porco que o velho pretendia carnear. Enquanto Onofre a buscava no paiol, a velha entrou em casa e armou-se com a espingarda pica-pau, de chumbo perdigoto.

— Ah, então você está aí.

— Olhe aqui o que você me fêz, velho bandido.

Onofre olhou de longe, meio ressabiado. A velha estava tôda ferida, ensangüentada nos braços e pernas.

— Você está que é só pelanca. Já não preciso de você e arranjo outra mais môça para mim.

Sentou-se no banco diante da casa, bebendo no gargalo a grandes goles, que lhe faziam saltar acima e abaixo o pomo-de-

adão. Ameaçou que iria embora do sítio e abandonava a família, depois de acabar com todos. Fingiu que adormecera, para que Sofia se distraísse, mas ela não largou da espingardinha.

Com grande gritaria, Onofre correu atrás dela, dando-lhe chicotadas nas pernas e gostando de ver os pulos aflitos da mulher, que trazia na orelha esquerda a cicatriz vergonhosa de uma dentada.

— É verdade, velha, que você teve um filho em solteira?

— Isso eu não conto. Isso você não há de saber até o dia de tua morte.

Afinal chegou correndo a filha Natália, que de longe soltava brados.

— Que é isso, pai?

— Aquela velha que roubou minha espingarda e fugiu.

Sofia surgiu atrás da cêrca.

— Não fugi. Estou aqui.

Apesar de embriagado, Onofre estava firme, correndo de um lado para outro e estalando o chicote. Então a espingarda explodiu, levantando um bando de passarinhos no caquizeiro, e o velho foi ao chão. Era tiro de espingarda pica-pau e foi para assustar, mas acertou na barriga de Onofre, pois a mulher tinha feito pontaria, apoiando o cano na cêrca. Êle caiu de costas, ergueu-se a custo e voltou a cair.

— Velha, me acuda, que estou morto, estou atirado.

Sentia-se tonto e estirou-se de comprido no terreiro. Pediu um gole de água. Sofia trouxe a caneca. Êle estava mudo, a garrafa numa das mãos e o chicote na outra, bem quieto, como se ouvisse o pio dos pardais que anunciavam chuva.

bailarina fantasista

— CONFESSE que você é amante da Helena.
— Não confesso coisa nenhuma.
— Meu bem, pode confessar. Eu te perdôo.
— Você está louca, Elza.
— Não vou fazer nada. Só quero saber.

Ângelo estava deitado de pijama quando ela chegou à porta, com a tesoura de costura na mão.

— Eu sei quem é tua amante.
— Então diga.
— Quem te contou?
— A sortista.
— Você está brincando, Elza.

— Ela nunca se enganou. Disse que você sustenta essa loura. Por isso é que chega tarde em casa.

— Mas eu não chego tarde. Nós saímos sempre juntos à noite.

— Então o encontro é de dia, não é? Não adianta mentir, meu bem.

Investiu contra êle, a tesoura em punho. Elza era grande e forte e, com dificuldade, pôde desarmá-la.

— Eu sei que você tem amante. Agora eu tenho certeza.

— Outra sortista, não é?

— Não. Você não me faz carinho. Um homem sem amante não ficaria tão indiferente.

— Acha então que eu posso te agradar, depois de tudo que você me fêz? Tôda vez que chego em casa é uma cena. Se você me agrada primeiro — como às vêzes tem feito — é diferente, eu reajo como homem. Mas ir atrás de você, tenha paciência, isso eu não posso.

— Nunca vi maior mentiroso.

Não o deixava atender ao telefone, cheirava-lhe a roupa, revirava o paletó atrás de um cabelo louro. Ângelo foi despertado, em sobressalto, depois de um sonho pavoroso, com forte agulhada no ventre. Estavam acesas as luzes do quarto e, de pé, ao lado da cama, Elza pressionava-lhe docemente a barriga com a ponta da tesoura.

— Não vai doer, querido. Você nem vai sentir.

Atirou-se ao seu peito, soluçando e faminta de beijos.

Separaram-se de comum acôrdo. Ela exigiu os filhos, a casa, o carro e uma mesada. Êle concordou e mudou-se para um hotel. Elza freqüentava clubes noturnos e procurava-o no escritório para lhe revelar que havia dançado com um senhor simpático e muito carinhoso — os outros não eram frios como êle. Ângelo ouvia quieto.

Uma noite em que se dirigia, encolhido à sombra das árvores, do escritório ao hotel, um carro encostou ruidosamente a seu lado e reconheceu os dois toques de buzina. Era ela, que o convidou a subir. Estava embriagada e saiu em corrida furiosa pela estrada.

— Você tem mêdo de morrer, meu bem?

— Pode me matar, é um favor. Mas um de nós tem de viver para cuidar das crianças.

Fugiam os vultos à margem do caminho, os faróis se refletiam nos olhos fosforescentes dos bichos noturnos.

— Peça perdão do mal que você me fêz, seu miserável.

— Eu peço tudo que você quiser. Agora dirija como uma pessoa sensata, e não feito uma doida.

— Você me dá pena, querido.

Com a freada violenta o auto derrapou, e ela mandou-o descer. Obedeceu e, levantando a gola do paletó, pôs-se a andar pela estrada deserta. Minutos depois avistou os faróis ao longe, mas não se afastou, disposto a morrer com dignidade.

— Suba, seu porco.

Sem discutir, êle subiu. Aquela noite ficaram juntos. No dia seguinte, saiu bem cedo, escondido dos vizinhos.

Para não pensar esqueceu-se no vício. Jogava noites a fio e bocejava, cabeceando durante o dia, no escritório. Iniciou um caso com uma viúva, a primeira mulher que conhecia desde a separação.

Numa roda de amigos, Elza encontrou-o a dançar com a viúva no clube. Aos gritos, rasgou-lhe o vestido e sacudiu-a pelos cabelos. Perseguia-os sem piedade, jurando arrancar com as unhas os olhos azuis da outra. As mãos no bôlso, a fim de ocultar os dedos esfolados, Ângelo voltou a ficar só.

Um dos cabarés anunciou com estardalhaço a sua próxima atração:

T Â N I A

BAILARINA FANTASISTA

Nos cartazes a fotografia colorida de Elza, em pose artística: "Estrêla de dança afro-brasileira!" Ao bater do tambor, dançava hula-hula, descalça, em saiote franjado de contas, entre os berros canalhas da platéia.

Desonrado, em desespêro, Ângelo decidiu matá-la. Sòmente o pensamento dos filhos o continha. Foi à procura do sogro:

— O senhor não pode fazer nada? Ela me arruinou a vida, ainda não está satisfeita. Freqüenta os meus amigos e depois vem me contar.

— Nada posso fazer, sinto muito.

— O senhor não pode pedir à sua filha que me deixe em paz? Ainda não viu no jornal o seu retrato artístico? Ela disse que é assim que recebe os amiguinhos.

— Eu sinto pena de você, Ângelo. Mas não tenho mais filha. Para mim ela está morta.

Abriu a gaveta da escrivaninha:

— Tome êste revólver e seja homem!

Ângelo apanhou a arma e foi até a porta.

— Meu filho.

Voltou-se em silêncio.

— Se você não matar aquela perdida, quem te mata sou eu!

O revólver pesava-lhe no bôlso, nunca dera um tiro na vida. E gemia: "Meu Deus, que vai ser de mim?" De noite rondou os clubes suspeitos, escondido atrás dos automóveis. Quando a viu sair, aninhada nos braços de um senhor gordo, agarrou a coronha de madrepérola. Não chegou a retirar a arma do bôlso. Queria matar e queria morrer, mas não tinha coragem. De cabeça baixa voltou lentamente ao hotel: era um manso.

a visita

ALCEU não saiu do apartamento por dois dias, de cama, com gripe. No terceiro dia, Ema foi visitá-lo, acompanhada da filha.

— Por que trouxe a menina?

— Para não ficar falada, ora.

Ema deu uma revista à menina, trancou-a no banheiro e foi deitar-se com êle, que se desculpava da barba comprida, o pijama cheirando a suor.

— Não faz mal, eu gosto.

Ela mordia os dedos e rolava a cabeça no travesseiro, em queixumes de amor tão sentido que, do outro lado da porta, Verinha chamou: "Mamãe, mamãe?" Alceu tinha de beijá-la com fúria para lhe abafar o gemido.

Mais tarde, a fumaça do cigarro arrastava-se em curvas caprichosas até o nariz de Ema, aos pés da cama:

— Eu não disse? Nem a fumaça do teu cigarro me deixa em paz.

— Ema, jure que foi a primeira vez.

— Juro, meu amor.

— Ah, confessa que houve outros. Você deve mudar de homem como de grampo no cabelo.

— Não me torture, por favor. Eu sou tão infeliz. Não basta que mamãe... Certa manhã descobri o que mamãe era. Entrei no quarto sem bater e os dois lá estavam. Eu já desconfiava de tudo. Quando eu chegava na cozinha, êle tinha o cabelo ainda molhado, acabara de se pentear. Ah, o senhor por aqui? Como se não tivessem passado a noite juntos. Mamãe não conseguia se conter e gemia de noite. Eu, dormindo no sofá da sala, perguntava o que era. Dor de dente, dizia ela, sem abrir a porta. Aquela manhã em que encontrei os dois na cama, eu fui lá para mamãe costurar a alça de minha blusa. Com o susto deixei cair a alça e vi bem o olhar feio de Nestor. Aos doze anos, crescida para a idade, e de maneira a esconder o que não podia, eu andava de ombros curvados e, se alguém me olhava, eu cruzava os braços. Não gostava de Nestor, não sei por que. Mamãe lavava-lhe as cuecas e engomava as camisas, no ferro de brasas, até de madrugada, enquanto êle andava em farra com outras. Ela ficava falando e êle afiava a navalha naquela cinta preta de couro (vai cortar a cabeça dela, eu pensava, vai acabar cortando a cabeça dela) e depois se barbeava, olhando-a pelo espelho. Botava o chapéu e saía, batendo a porta, sem tomar o café, que já estava pôsto na mesa. Mas você não sabe de nada. Quando a mulher dêle morreu, mamãe, como não podia ir, me mandou ao entêrro, em sinal de consideração. Aos domingos não me queriam em casa, desde que surpreendi os dois no quarto. Mamãe parou de ir me buscar no colégio. Quer saber se fui ao entêrro? Ora, eu tinha de ir, meu bem. Ficava de uniforme de gala no corredor, o dia inteiro aguardando quem eu sabia que não ia aparecer, até que uma das internas, chamada Eulália, que tinha pena de mim, me levava para o quarto dela e me presenteava com bombons, escondidos debaixo do travesseiro e que, por causa do calor, estavam peganhentos no papelzinho

prateado; eu morria de mêdo, porque a porta devia ficar aberta e ela não se cansava de me beijar na bôca. Um dia Nestor abandonou mamãe e nada lhe deixou, até um rádio velho levou com êle. Casou-se com outra, o bandido. Eu recolhia as pontas de cigarro dêle e fumava no banheiro. Sonhava tôdas as noites com êle, no tempo do colégio. Já me esqueci do sonho, senão contava para você. Como êle era? Bobinho, eu sei o que você está pensando. Pois quer saber? Era moreno, baixo, de bigodinho. As poucas vêzes que mamãe me visitava no colégio, êle ficava esperando lá fora. Pensei de mamãe morrer, fazia tudo que êle queria, era sua escrava. Não sei como não a matou quando gritava com êle. Ficava afiando a navalha na cinta preta de couro e olhava quieto pelo espelho.

— Você parece louca, Ema.

Pedia que ela repetisse, entre beijos — Alceu, Alceu. E uma noite, ao chamar o marido, diria o seu nome.

Antes de dormir, o marido precisava arrumar os sapatos lado a lado, aos pés da cama, as meias enroladas dentro dêles. E dispor na mesa de cabeceira o relógio, a carteira, as chaves e o anel, sempre na mesma ordem. Se ela esbarrava no sapato ou, ao olhar as horas, mudava o relógio de posição, êle punha as mãos na cabeça: "Viu o que você fêz? Agora não posso mais dormir."

De repente, Ema estava chorando: grandes olhos verdes que rolavam pelo rosto. Euxugava-os, mas não paravam de cair. Contou que, menina, fôra a um aniversário e lá a filha de Nestor apontara com o dedo: "Aquela é..." Jurou vingar-se. Por isso fazia...

— O que você faz, afinal?

Não quis dizer, chorando no seu peito. Ah, pensou êle, deixa estar, sou um tipo imundo.

Desculpou-se da desordem no quarto, mas ela adorou. Um copo servia de cinzeiro, a roupa limpa na mala aberta e a suja amontoada no canto. Êle pensava na menina fechada no banheiro, sentadinha muito quieta na tampa da privada, lendo a revista.

— Eu não podia agüentar mais um dia longe, meu bem.

Exigiu que êle a assinalasse.

— Se teu marido vê?

— Nunca me viu nua. É um porco. Só me procura para uma coisa.

Na despedida correu os olhos pelo soalho coberto de pontas de cigarro.

— Nunca esquecerei êste quarto, meu amor.

A mancha azul no peito havia desaparecido, ergueu a blusa a fim de que êle reavivasse a marca dos dentes.

Abriu a porta e chamou a menina:

— Diga adeus para o môço, minha filha. Não sei o que fazer com esta criatura.

Verinha era doentia, de grandes olhos machucados.

— É uma pidona. Veja o casaquinho dela.

Roía o casaco de lã, para satisfazer as bichas, cada dia um pedaço maior.

A menina virou as costas e, em loucura, Ema quis beijá-lo, mas êle não tirou o cigarro da bôca.

As duas desceram a escada, risonhas e de mãos dadas.

cemitério de elefantes

HÁ UM CEMITÉRIO de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixe e à margem do rio ergue-se o velho ingàzeiro — ali os bêbedos são felizes. A população considera-os animais sagrados e provém às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado.

Quando ronca a barriga, ao ponto de perturbar-lhes a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pesados pés, atiram-se à luta pela vida. Enterram-se no mangue até os joelhos na caça ao caranguejo ou, de tromba vermelha no ar, espiam a queda dos ingás maduros.

Sabem que estão condenados como elefantes mal feridos e coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados en-

tre as raízes que lhes servem de cama e cadeira, a beber e beliscar algum pedacinho de peixe. Cada um tem o seu lugar e gentilmente advertem-se:

— Não use a raiz do Pedro.

— Foi embora, sabia não?

— Estava aqui há pouco...

— Pois é, sentiu que ia se apagar e caiu fora. Eu gritei: Vai na frente, Pedro, e deixa a porta aberta.

À flor do lôdo borbulha o mangue — os passos de um gigante perdido? João dispõe no brasido o peixe embrulhado em fôlha de bananeira.

— O Cai Ngua trouxe as minhocas?

— Sabia não?

— Agora mesmo êle...

— Entregou a lata e disse: Jonas, vai dar pescadinha vermelha.

Aporta de outras margens um elefante moribundo.

— Amigo, venha com a gente.

Dão-lhe uma raiz no ingàzeiro, caneca de pinga, um rabo de peixe.

No silêncio o bzzz dos pernilongos assinala o pôsto de cada um. Sentados entre as raízes, assombram-se com o mistério na noite — o farol piscando no alto do morro.

Distrai-se um dêles a afundar o dedo no tornozelo inchado, ergue-se e, puxando os pés de paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa — que ninguém perturbe os dorminhocos. Êsses, quando acordam, não carecem de perguntar para onde foi o ausente. E, se indagassem, com intenção de levar-lhe um ramo de margaridas, quem saberia responder? O caminho revela-se a cada um na hora da morte.

A viração da tarde assanha as varejeiras grudadas nos seus pés disformes e as fôlhas do ingàzeiro reluzem como lambaris prateados — ao som da queda dos frutos os bêbedos mais próximos levantam-se com dificuldade e os disputam entre si rolando no pó. O vencedor descasca o ingá e chupa de olhar guloso a fava adocicada. Jamais correu sangue no cemitério — a faquinha na cinta é para descamar peixe. E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se à distância.

E êles que suportam o delírio, a peste, o travo de fel na língua, o mormaço, as cãibras de sangue, cultivam o ódio

obtuso dos elefantes por uns animaizinhos inofensivos: os pardais, que se aninham entre as fôlhas e, antes de dormir, lhes cospem na cabeça — o seu pipiar irrequieto lhes envenena a modôrra.

Da margem êles contemplam os pescadores mergulhando os remos.

— Tem um peixinho aí, compadre?

O pescador atira-lhes o peixe desprezado no fundo da canoa.

— Por que você bebe, Papa-Isca?

— Maldição de mãe, uai.

— O Chico não quer peixe?

— Coitado, morreu de inchaço.

Com a pressa que lhe permitem os pés tumefatos, despediu-se dos companheiros cochilando à margem, esquecidos de enfiar a minhoca no anzol.

Cuspindo na água as sementes negras de ingá, os outros não o interrogam: as prêsas de marfim que indicam o caminho são garrafas vazias. Chico perde-se no cemitério sagrado, entre as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS DA COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO, PARA EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.